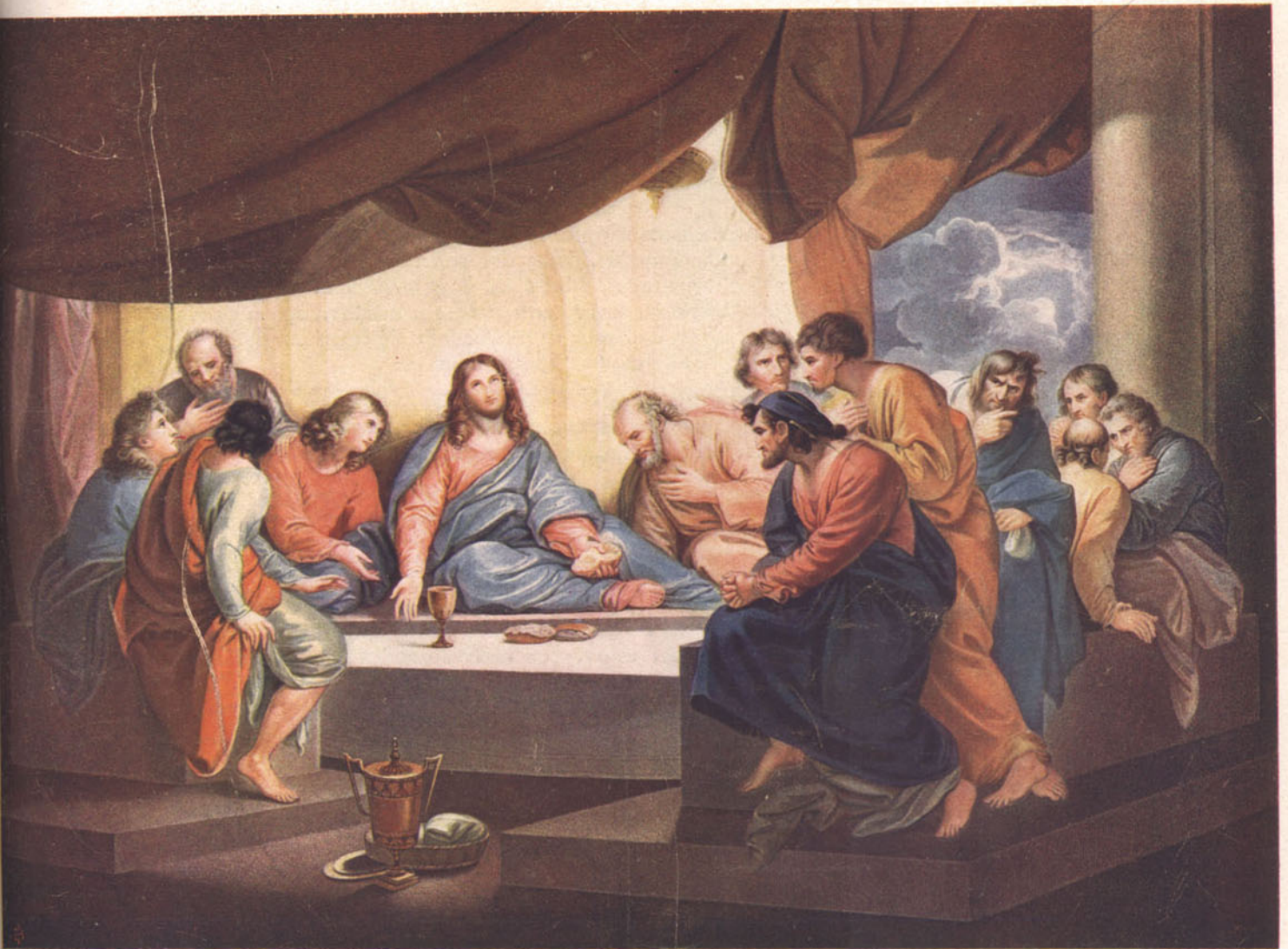


ILUSTRAÇÃO

N.º 224 — 10.º ano



A CEIA DE CRISTO

Formosa tela do célebre pintor inglês do século XVIII, William West, gravada a cores pelo não menos célebre gravador Thomas Ryder.

"Em verdade vos digo que um de vós me há de trair!..

S. MATEUS — XXVI — 21

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português (Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada).....	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada).....	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	182\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Acaba de ser posta à venda

A 2.ª EDIÇÃO DO

Romance da Raposa

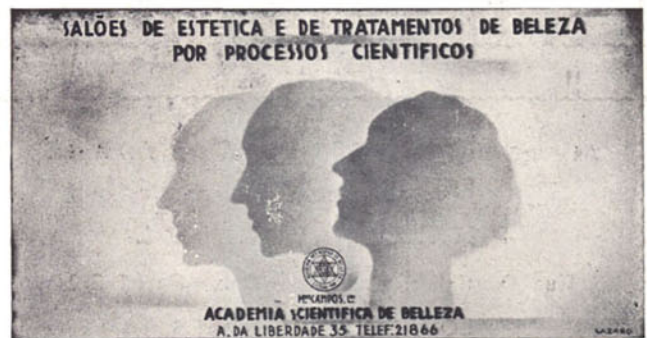
POR **AQUILINO RIBEIRO**

Ilustrado pelo insigne artista francês Benjamin Rabier

Este romancinho constitui um grande êxito literário e de livraria

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores **12\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 352 págs., no formato de 26x18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA



A dor envelhece

A cara é o espelho da alma, mas também o é do nosso organismo. As dores de que sofremos às vezes: dores nevralgias, dores de cabeça ou de dentes, mudam a expressão do nosso semblante, cavando profundas rugas que envelhecem. Felizmente que, hoje em dia, não há necessidade de sofrer. Um ou dois comprimidos de CAFIASPIRINA tiram, num instante, as dores mais intensas, restituindo-nos o completo bem-estar.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**

encontram-se à venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso — Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES

À VENDA

JOÃO DE BARROS

Pátria esquecida

NOTAS E ESQUEMAS

1 vol. de 212 págs., brochado **10\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

A 5.^a EDIÇÃO DE

Crónicas imorais

POR

Albino Forjaz de Sampaio

1 vol. de 266 págs., brochado **10\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de ser posto à venda

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

1 vol de 220 págs. broc. **10\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

NOVIDADE LITERÁRIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. **12\$00** enc. **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DO ILUSTRE PROFESSOR

DR. EDUARDO COELHO

A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... **5\$00**

Trombose das coronarias e infarto do miocárdio (Estudo experimental e clínico)..... **30\$00**

O Professor Ricardo Jorge (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) **15\$00**

A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... **7\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ACABA DE SAÍR:

J. M. FERREIRA DO AMARAL

O PARAÍSO BOLCHEVISTA E... A MENTIRA

UMA VIAGEM À RUSSIA1 volume de 230 páginas, brochado **Esc. 10\$00**Pelo correio à cobrança **11\$50***Livro destinado a grande sucesso*Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**OBRAS DE SAMUEL MAIA**

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br.	8\$00
Braz Cadunha — 1 vol. br.	6\$00
Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br.	7\$00
Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br.	7\$00
Língua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br.	8\$00
Mudança d'Ares — 1 vol. br.	10\$00
Por terras estranhas — 1 vol. br.	4\$00
Meu (O) menino — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17\$00; br.	12\$00
Manual de Medicina Doméstica , indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina.	35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA**VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO
DA LÍNGUA PORTUGUESA**POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficialEM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado.	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado.	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado.	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado.	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair

A 2.^a EDIÇÃO DE
Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR
MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de **MAMIA ROQUE GAMEIRO**

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras
no texto e capa a côres . . . **10\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

MULHERES!
Para branquear a vossa pele

Eis uma nova cera — que maravilha
os especialistas de beleza e tira as
sardas e os defeitos da tez



Esta nova cera penetra profundamente numa pele rude e áspera, amaciando-a de tal maneira que a sua camada exterior e endurecida cai, pouco a pouco, em tenues partículas quando se lava a cara de manhã. Daí resulta uma tez feita exclusivamente duma pele fresca e nova, rosada e branca e encantadora como a pele dum bebé.

As sardas e as feias manchas castanhas e os defeitos da tez até parecem evaporar-se. Uma mulher de 40 anos pode facilmente apresentar 30 ou mesmo menos. Esta cera, para mais, limpa os póros da pele onde nunca chega o sabão e desta maneira evita e acaba com os póros dilatados. As mulheres chamam-lhe: CERA MARAVILHOSA mas o seu nome científico é: CIRE ASEPTINE. Encontra-se nas perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando na vossa terra pode escrever para o Depósito Tokalon em Lisboa, (secção I. L.), Rua da Assunção, 88, que atende na volta do correio.



Quando os insectos ameaçarem a saúde de sua família

Não faça experiencias com insecticidas de inferior qualidade

Decerto nunca pensou em comprometer a saúde dos seus. Então para que fazer experiencias com insecticidas fracos? Esses pobres insecticidas não matam — nem o defendem dos tormentos causados pelos insectos — apenas servem para desperdiçar dinheiro.

Por medida de precaução, certifique-se de que é realmente FLIT que lhe dão. FLIT destrói de facto os insectos, matando-os e, quando pulverizado não mancha.

Exija a lata amarela com o soldado, a faixa preta e selada, para sua garantia contra as imitações.



Espalhe
PÓ FLIT

Mata: formigas, pulgas, percevejos, baratas, traças, piolhos, etc.

SUCESSO DE LIVRARIA

O HOMEM DOS MIL SEGREDOS

ROMANCE

DE **ROCHA JUNIOR**

1 vol. de 232 págs., com capa a
côres de *Stuart*, broch. . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar aos leitores e leitores a fim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O habitante de Lisboa acha-se próximo de alcançar a vida de delícias que desde o tempo dos nossos primeiros pais no paraíso nunca mais se gosou na terra.

Esse excelente estado de beatitude edénica não o conseguiu como Adão, por acto magnânimo do criador; foi de uma transformação da própria natureza que tirou a felicidade hoje experimentada e agradavelmente robustecida por ter perdido o geito e modo de sentir habitual dos outros mortais. Não sofre com o que eles sofrem, não gosa com o que eles gosam e nisso consiste o segredo da sua ventura perene, a par da celestial.

Assim é que o restante da humanidade come pão e êle, em vez disso, engole corcodelas sem pestanejar; os outros mastigam carne e êle rilha sola sapata; os outros tomam leite e êle esterco; os outros têm água para lavar-se e êle mal a consegue para beber, quando a paga a pêso de ouro; os outros contam com o gaz para aquecer o banho e êle com ar frio em tubos mal cheirosos; outros dispõem de electricidade para alumiar-se, êle contenta-se com uma chama amarela, côr de ferrugem; outros aproveitam carros para transportar-se, a êle dão-lhe asadores que o torram e o precipitam nos despenhadeiros das ruas.

Semelhantes alterações causariam, em lugares povoados por homens, dores afrontosas, ou desgostos, e talvez que padreiros, carneiros, leiteiros, aguadeiros vendedores de gaz e de passagens ou vissem um berreiro desabalado e se sujeitassem a ficar com o pescoço dependurado numa corda. Seria um espectáculo feio que a ninguém havia de agradecer.

Ora o lisboeta com o arranjo que levou, ajudado pelo tempo, não se incomoda nem tem pena de que o tratem dêste modo. Não sente, devido à transformação porque passou; em vez de sofrer parece gosar com as prendas que lhe oferecem os artistas fabricantes de monopólios, que a Bélgica, a Inglaterra e outros países amigos fiseram o favor de enviar-lhe.

Está uma delícia a vida de Lisboa. A continuar assim não tardará que os deuses abandonem o Olimpo e venham residir na mansão de paz onde corre o rio de ouro que vai desaguar a Londres e Bruxelas. Oxalá que se decidam sem demora e não esqueçam de trazer o grande Júpiter tonante, aquêde que despede os raios. Isto na esperança de que trará pronto a servir, um que os parta, a todos os assodados em promover a felicidade do que perdeu os nervos e a sensibilidade, êsse referido lisboeta, habitante de um paraizo que não inveja o concedido

CRÓNICA DA QUINZENA

a Adão, considerado o mais infeliz dos homens. E porque mais infeliz?

Por ter sido enganado pela mulher, mesmo sem à mão haver um semelhante do mesmo sexo.

Isto vem para dizer que o de Lisboa natural lhe herdou o geito singular pois consegue o prodígio de ser enganado como nenhum outro, mesmo sem mulher metida no enredo.

Fechou o Parlamento e abriu a exposição de pintura. As flôres de retórica espargidas por um aparecem representadas por outra com realismo talvez exagerado que estorva um cronista vulgar, privado de dotes especiais, de achar-lhes a graça devida.

Por isso decide fazer cruces na boca em sinal de cauto silêncio, bem fiado em que mais vale calar que mal falar.

A' hora de escrever esta crónica encontra-se o mundo inteiro de olhos fixos em Streza, não com a ância de visitar êsse sinalzinho de beleza posto na cara pulcra do Lago Maggiore, só com o de saber se dali virá uma segurança de paz ou a proximidade da guerra.

Três inteligências se reuniram para tomar responsabilidades sobre os destinos da humanidade e que bem podem deliberar a favor ou contra o seu socêgo.

Se a vontade inglesa, francesa, italiana se concertassem para apresentar um voto firme, unânime decerto, conseguiriam reprimir os temperamentos agressivos.

No caso de divergirem mal virá para todos. Os indícios mostram uma Inglaterra mole, ou condescendente com a Alemanha que não cessa de exigir o seu lugar no mundo, o qual, se a deixarem livre, acabará por ser o mundo inteiro. «Uber alles» diz ela no canto de guerra, e tal é o seu desejo íntimo, expresso de diverso modo, desde a época da pedra lascada; parece ser índole dos habitantes daquela

região do globo ambicionar a posse inteira no planeta.

Ora o espírito inglês não dá para estas generalizações; o seu geito consiste em olhar ao negócio imediato, vender o prego que fabricou, ou tirar a bota que lhe aperta; daí temer-se que em Streza ofereça qualquer unguento barato para amaciar asperezas.

Não é caso de dizer que lá se avenham porque o calo pode também afligir-nos.

A recusa de uma ordem enérgica do inglês ao alemão para que esteja quieto, revelaria fraqueza, prenúncio de decadência de um poderio que muito interessaria a Portugal ver mantido.

O «Finis Britanniae», por êsse modo anunciado não nos daria nenhum gáudio porque de algum modo nos profetizaria o fim de um equilíbrio que conservamos há séculos.

Não é exagero afirmar que na Isola Bella, em casa de S. Carlos Borromeo está ocorrendo alguma cousa que interessa profundamente à nação portuguesa.

Caíu o govêrno em Espanha e formou-se outro que não traduz revigoração da situação política.

Ficou mais fraco e incerto do que estava o vacilante esforço do homem escolhido para construir a forma nova que o país requer desde a expulsão do último rei. Nada há a esperar de consequente e duradouro de uma acção paleante, sem inventiva, sem o fervor que a consciência nacional aneia.

Vomitada a monarquia, a Espanha ficou mal do estômago à espera de medicina que a habilite de novo a digerir o alimento da vida.

Essa medicina é um regimen que para escolher-se obriga a uma agudeza de percepção e tacto clínico, por parte do médico, não reconhecido no antiquado Lerroux. O seu sistema de tratar não é decerto o adequado na oportunidade actual. Daí pode resultar o prolongamento da dispêpsia. A Espanha assim não se cura e arrisca-se a piorar, o que para nós está muito longe de ser uma vantagem.

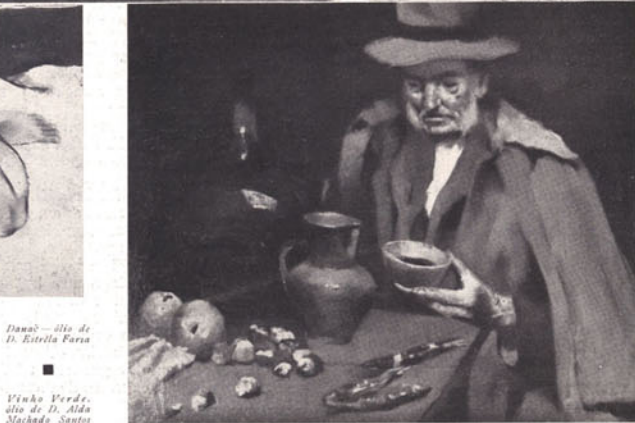
Não custa muito a compreender que a Portugal só convém uma Espanha organizada, progressiva e calma. A inquietada e desconjuntada prejudica, não apenas pelo barulho que nos faz ao pé da porta; também porque nos momentos de perigo vale mais ter um vizinho forte, de espírito lúcido, côncio do que quer e lhe convém, do que um pusilânime, sempre à mercê de aventureiros.



nos. E que saudades nós tínhamos do extraordinário pintor David de Melo, de cujo pincel mágico saíram telas que nunca mais esqueceram como aquela da «Missa na Notre Dame»! Voltamos a encontrá-lo nos quatro trabalhos que expõe agora: «O caldo», «Estudo», «Vá-lhinha» e «O Pinguinhas». Este último quadro dá-nos a impressão de que o artista, tendo conseguido a verdadeira expressão do seu modelo, não se preocupou com acessórios elucidativos. O rosto dizia tudo, e o pincel do pintor conseguiu fazê-lo falar.

Outros artistas se seguem, muitos, muitos... Na impossibilidade de fazermos referência à maior parte deles citaremos, indistintamente D. Estrela Faria com «Danaé», e «Antílope»; Emérico Nunes com dois retratos magníficos, e a «Costa de Portugal» que marcam o sinal inconfundível da sua vibrante personalidade; Portela Junior com a «Pintura» e «Festeiros» atingiu o

que todo o bom pintor tem



A 32.^a Exposição de Belas Artes é o índice eloquente da expansão dos valores artísticos da nossa terra

ânsia de atingir; Simone Tiersonnier Maia de Loureiro, além da «Conchita», «Arribas da Praia da Adraga» e «Sombra da serra», o esplêndido retrato de M.^{lle} L. L. em que realça a leveza, o encanto e a macieza da pincelada que rivaliza com a seda do vestido; Mário Reis apresenta-nos uma «Alfama» que é bem a autêntica com o seu sabor mourisco; Alda Machado Santos com os cinco trabalhos expostos «Vinho verde», «O tocador de viola», «A pobrezinha», «O melão», e «Frutos de inverno», marcou tão nitidamente a sua posição artística que os seus mestres devem sentir-se orgulhosos.

António Saúde, o mestre que todos admira-

mos, limita-se a apresentar um trabalho — «Margens do Tamega» — que encanta pela maravilha de colorido e perspectiva.

Alfredo de Moraes expõe cinco soberbas aquarelas: « regresso da Feira (Evora) », « Na Agonia », « Espera de procissão », « Recolhendo a rede » (Nazaré) e o « Retrato de Francisco Valença-Narciso de Moraes mostra se um aquarelista

Não nos referiremos às telas dos mestres gloriosos como Carlos Reis e Veloso Salgado que, só por si, tornariam este certame artístico digno da visita de todas as mãos sedentas de arte.

Que formidável vigor nos pinceis desses mestres cada vez mais queridos e mais necessários!

A escultura está também magistralmente representada. Anjos Teixeira, João da Silva, Delfim Maia, João Fragoso, Marcelino Norte de Almeida, Joaquim Martins Correia, António da Costa, D. Maria Isabel Gentil, Armando Mesquita de Carvalho, Henrique Moreira,

Pintura — óleo de Severa Portela Junior



Vaz Junior, Raul Maia Xavier têm ali vinte e tantos trabalhos de autêntico merecimento.

Em resumo: pretendemos apenas focar este acontecimento artístico, que é o maior dos últimos tempos, e não a crítica dos trabalhos expostos. Para isso seriam necessárias muitas páginas, atendendo a que o próprio catálogo da Exposição para citar as obras apresentadas tem uma lombada de quase um dêdo de altura.

Por nossa vontade, teríamos publicado tudo o que está exposto, tudo enfim o que foi admitido e classificado... para não discordar do precedente aberto.

Há quanto tempo não tínhamos o prazer de ver uma exposição de arte bem nacional, bem portuguesa, bem artística que nos dulcificasse o espírito e nos deliciasse os sentidos! Teriam acalado os pintores em Portugal?

Retrato de Melo L. L. — óleo de Simone Tiersonnier Maia de Loureiro



Pois a 32.^a Exposição Nacional de Belas Artes, agora inaugurada, veio provar que ainda temos grandes artistas na nossa terra.

Voltamos a ver Veloso Salgado, Carlos Reis e David de Melo que há muitos anos não se dignava apresentar obra sua ante os olhos profa-

Danaé — óleo de D. Estrela Faria

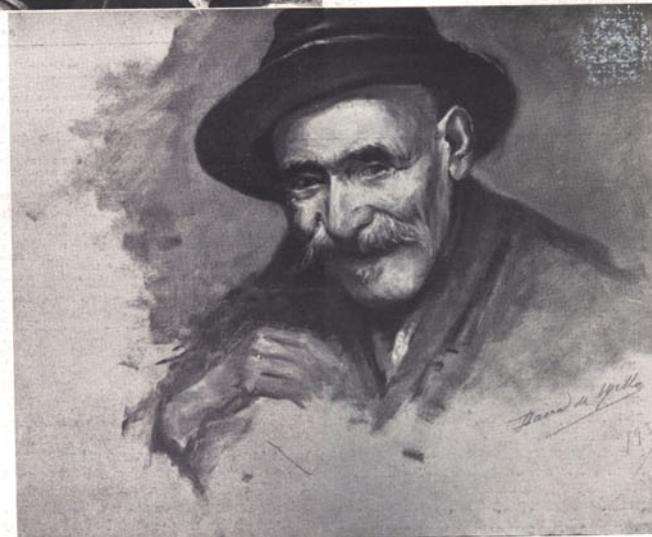
Vinho Verde. — óleo de D. Alda Machado Santos



Retrato de Gomes Monteiro — óleo de Emérico Nunes

notável, digno de seu pai e do seu mestre, com «Feira saloia» (Vercés), «Fiando» (Braga), «O sol na praia da Costa da Caparica».

Esta exposição já pela qualidade, já pela quantidade provou exuberantemente que Portugal tem artistas e muito grandes.



«O Pinguinhas» — óleo de David de Melo



Delegação portuguesa à Sessão Extraordinária da S. D. N.

No dia 10 do corrente, partiram para Genebra no "sud-express" os srs. drs. Caeiro da Mata e Augusto de Vasconcelos, delegados do nosso país à sessão extraordinária do Conselho da Sociedade das Nações convocada para o dia 15 deste mês. Como se sabe essa sessão tem uma alta importância internacional por isso que terá de ocupar-se da situação criada pela lei alemã que restabelece o serviço militar obrigatório no território do Reich, contra o estipulado na base V do Tratado de Versalhes. Na estação do Rossio, compareceram, a apresentar cumprimentos de despedida aos ilustres diplomatas, grande número de individualidades de elevada categoria.

Album "Portugal — 1934"

A CABE de ser lançada no mercado uma notável publicação intitulada "Portugal — 1934". Trata-se dum album em que são focados diversos aspectos da vida portuguesa, através de sugestivas gravuras e elucubrantes gráficos. "Portugal — 1934" apresenta-se com admirável aspecto gráfico e honra as oficinas onde foi realizado. A direcção artística é de Leitão de Barros e Martins Barata e confirma os indiscutíveis méritos destes dois nossos ilustres camaradas da Imprensa e consagrados artistas.

Comemorações do 9 de Abril



À semelhança dos anos anteriores, o dia 9 deste mês, aniversário dum página gloriosa da nossa participação na Grande Guerra, foi consagrado à memória dos heróicos combatentes mortos na Flandres e em Africa. Perante o monumento aos mortos, na avenida da Liberdade, desfilaram nesse dia os antigos combatentes e grande quantidade de povo. No pedestal da estátua foram colocadas muitas lírios. Também se fizeram romagens ao cemitério do Alto de S. João que foram muito concorridas. O sr. ministro da Guerra condecorou a bandeira da União dos Inválidos. Pelas ruas, fez-se a habitual "venda do capacete" cujos resultados, tanto em Lisboa como no Porto, foram bastante animadores. A gravura acima mostra um aspecto da romagem ao monumento da avenida da Liberdade. No momento em que a paz do mundo está ameaçada, esta cerimónia atesta o valor da raça.

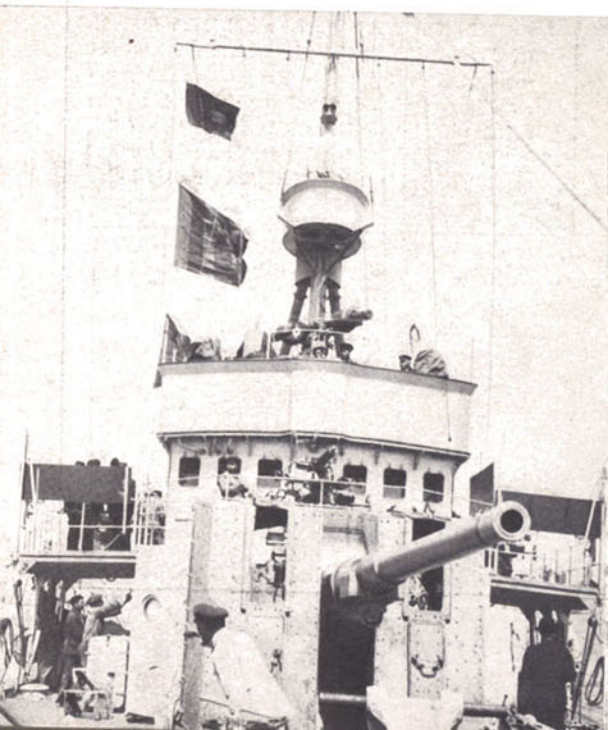
Novo aviso de 2.ª classe «Pedro Nunes»

TERMINARAM no dia 10 do corrente as experiências de mar do novo aviso de 2.ª classe "Pedro Nunes", com exercícios de tiro que satisfizeram todas as exigências. No dia imediato, procedeu-se à cerimónia da sua incorporação no efectivo da armada nacional, que decorreu com a maior solenidade.

Conforme é do domínio público, a construção do "Pedro Nunes" foi realizada nos estaleiros do nosso Arsenal, por operários portugueses e sob planos portugueses. De facto, o projecto do novo barco de guerra é da autoria do capitão de fragata, engenheiro-construtor sr. Sousa Mendes, um dos muitos elementos de valor da nossa marinha de guerra. A circunstância de para a construção não ter concorrido qualquer elemento técnico estrangeiro deve encher nos de regozijo e constitui justo motivo de orgulho para a nossa industria de construção naval.

Assumiu o comando do "Pedro Nunes" o capitão-tenente sr. Fortunato Pires da Rocha, que por esse motivo deixou os cargos de director dos Serviços Rádio-Telegráficos da Armada e do Posto de Monsanto e o de comandante da Escola Radiotelegráfica, onde as suas notáveis aptidões tanto se evidenciaram.

A cerimónia da incorporação na armada iniciou-se pela leitura da "ordem" que manda armar o navio, depois do que se procedeu ao hasteamento da bandeira nacional à proa. Nesse momento a fragata "D. Fernando" salvou com 21 tiros e todas as unidades da esquadra embandeiraram nos topos em saudação ao novo barco de guerra.



NOTICIAS DA QUINZENA

Artur Inês

José de Esaguy



"TOREI-NORTE 5.853.", é um empolgante livro do ilustre escritor e jornalista Artur Inês, em cujo entrecho se desenvolve, num crescendo de ansiedade, uma acção policial cheia de imprevisto.

As obras anteriores de Artur Inês tornaram-no estimado pelos críticos mais exigentes. Esta — "Torei-Norte 5.853" — torna-o popular, honra que a muitos poucos cabe.

JOSÉ DE ESAGUY realizou na Sociedade de Geografia uma interessante conferência sobre o sugestivo tema: "Tanger portuguesa..."

O autor da obra monumental "Marrocos", em publicação, provou que, pelo carinho e interesse que lhe mereceram e continuam a merecer os estudos da acção portuguesa nas terras de Mulei Moluko, a sua conferência foi uma lição digna para todos os bons portugueses. As suas invulgaes qualidades de investigador e de escritor ficaram vinculadas na medida do seu grande patriotismo.

Os antepassados do Homem

Não deve haver ninguém, por mais avesso que seja a questões científicas, que não tenha já debruçado o espírito curioso sobre o problema das origens do Homem. O mistério envolve ainda hoje esse problema fascinante a que gerações de sábios têm consagrado o seu labor. Mas não é necessário conhecer a fundo as teorias de Darwin, Lamarck e

tas condições todo o problema consiste em saber se este desce daqueles, ou se constitui antes um ramo colateral na árvore genealógica das espécies.

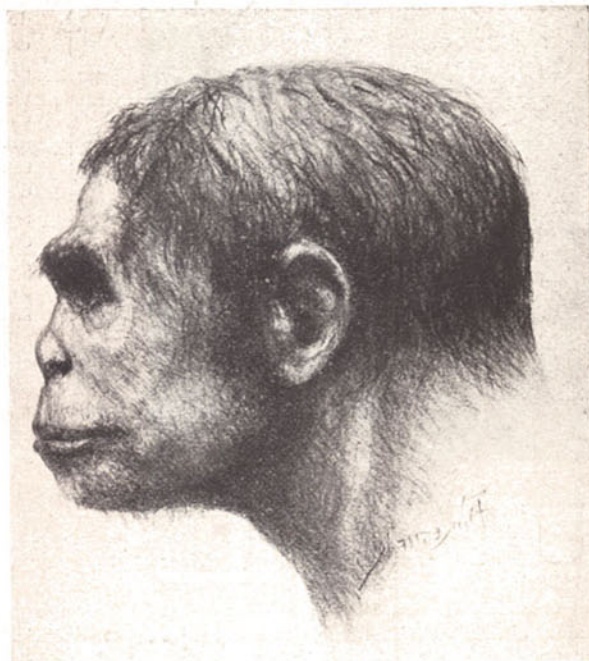
Esta última hipótese parece ser confirmada por diversos factos de observação corrente. De facto, se houvesse sucessão directa, sendo o Homem o mais inteligente dos animais, o antropoide devia marcar sobre as outras espécies animais uma nítida superioridade. Ora na realidade não sucede assim.

Ninguém ignora que a inteligência do macaco ou do gorila é inferior à de muitos outros animais, como o cavalo e o cão. Afigura-se, portanto, mais aceitável a hipótese de que o Homem e o símio provêm duma mesma origem, mas que evoluíram em sentido diver-

Homem deu-se simultaneamente em diversos pontos do globo? Grande número de sábios inclinam-se para a primeira hipótese e explica a diferenciação das raças humanas como fenómenos da evolução dum tipo comum.

Se o âmago do problema da origem do Homem permanece misterioso, a verdade, porém,

O homem da época quaternária, segundo uma reconstrução de Forestier baseada em investigações paleontológicas



Em cima: *O gorila das florestas do Congo.*
A' direita: *Um símio de aspecto particularmente grotesco*

tantos outros para saber que a evolução das espécies é hoje um facto admitido e uma das mais brilhantes aquisições do conhecimento humano.

Estabeleceu-se assim que um estreito parentesco liga os grandes símios ao Homem. E nes-



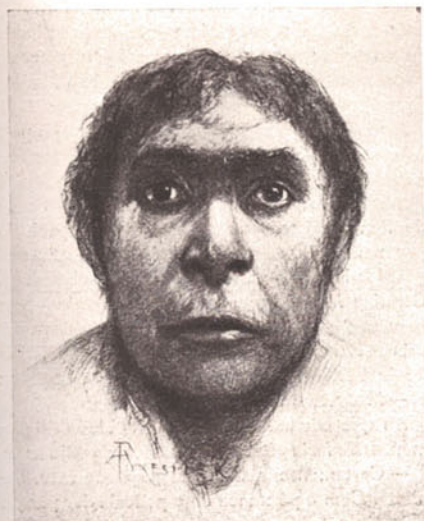
gente. Qual seria essa origem comum? Eis o ponto que a ciência não pôde ainda esclarecer.

Sobre o que não pode haver dúvidas é que, nos tempos recuados da pré-história, a Terra foi povoada por homens primitivos cujos caracteres físicos divergiam profundamente dos nossos. A Terra foi então percorrida em todos os sentidos por enormes migrações desses nossos antepassados e a sua passagem ficou assinalada nos terrenos quaternários.

Essas migrações primitivas tiveram todas o mesmo ponto de partida? Ou o aparecimento do

é que a ciência todos os dias se enriquece com novos conhecimentos sobre a vida dos nossos antepassados. Pesquisando o solo, os antropólogos seguem passo a passo a pista das grandes migrações pela África, pela Arábia e pela Europa. Sabe-se que a primeira migração se fez pelo continente antártico, cujo clima era então muito menos rigoroso do que hoje. E provou-se que na época quaternária, os habitantes da Europa conheciam uma civilização provinda da Malásia, cuja característica mais importante era a piroga com arco destinado a manter a embarcação em equilíbrio, que ainda hoje é usada por alguns povos do extremo-orient.

O «facies» do homem primitivo, segundo Forestier





do filme, justamente por ser a mais espectacular. Mas deve andar mais próxima da verdade histórica, a outra que o apresenta como protegido do conde de Rantzau, e por este introduzido no convívio real. Struensee devia possuir notáveis dotes de sedução pessoal. De facto, passado pouco tempo já exercia profunda influência no espírito sugestível do rei. Começou a ser temido pelos palacianos. É uma ânsia desmedida de poder dominou-o por completo. Carolina Matilde recebeu friamente o novo vândalo de seu marido. Por

Uma cena do filme: Struensee falando a multidão

UMA das mais notáveis figuras da história da Dinamarca foi o dr. Struensee, modesto cirurgião que chegou a dominar os destinos desse povo e que veio a morrer no cadafalso. Os dramáticos episódios da sua extraordinária carreira foram agora evocados num filme que se intitula «O Ditador».

Struensee viveu em meados do século XVIII, durante o reinado de Cristiano VII. Este último era um soberano débil, tanto na saúde como nas faculdades mentais. Alcoólico inveterado, entregava-se a todo o género de excessos, só encontrando prazer na frequência dos locais mal afamados e nas companhias equívocas.

O poder real era, entretanto, exercido por sua mãe, a rainha Juliana. Esta julgou um dado momento oportuno para casar o filho e escolheu para isso a bela princesa Carolina Matilde, irmã do rei Jorge III de Inglaterra e de Irlanda.

A cerimónia do casamento realizou-se com grande pompa. Mas as discórdias não tardaram a surgir entre os esposos. Há motivos para supor que elas tiveram origem no próprio dia do noivado. Carolina Matilde, mulher requintadamente elegante, não se mostrava disposta a tolerar o marido grosseiro que as razões de Estado lhe impunham. E as cousas chegaram ao ponto de lhe proibir a entrada nos seus aposentos.

É então que surge na Córte o famoso dr. Struensee. As suas origens são nebulosas. Sabe-se que nasceu em Holstein, de pais humildes. Do modo por que chegou a médico do rei há duas versões. Segundo uma, Cristiano VII, durante uma das suas aventuras pelos bairros excêntricos, teria caído sob a acção da embriaguez. Chamado para o tratar, Struensee conseguiu desvendá-lo e incógnito do seu cliente. É este tomado de súbita afeição pelo facultativo levou-o para a Córte e fez dele seu vândalo.

Foi esta a versão adoptada pelos realizadores



Em cima: Panfletos em que se criticavam os ministros, a rainha com o ministro. À esquerda: a prisão de Struensee, segundo uma gravura da época

vairado pela ambição, Struensee não lhes dava importância. Que podia recetar se dominava por completo o espírito fraco do rei e se a rainha era sua amante?

Nestas condições a imprudência de Struensee e de Carolina Ma-

mais duma vez se queixou ao rei das impertinências do audacioso médico. Mas o prestígio deste era já tão grande aos olhos do fraco soberano que a jovem rainha só obteve como resposta uma ordem terminante para tolerar a sua convivência.

Por uma destas desconcertantes reviravoltas da psicologia feminina, a antipatia que Carolina Matilde manifestava a princípio por Struensee deu lugar, pouco depois, a uma disposição benévola que com o tempo se transformou em paixão ardente. Onde se deve concluir que o poder de sedução do ambicioso médico era na realidade excepcional.

Entretanto, o rei nomeava Struensee seu ministro de gabinete, cargo que criou especialmente para esse fim. Fortalecida, assim, a sua posição, o novo ministro lançou-se no caminho das reformas. Sentia bem viva contra si a hostilidade da aristocracia e não perdia nenhuma ocasião de lhe infligir humilhações. Os ódios acumulavam-se sobre a sua cabeça. Mas des-

EVOCACÃO DO PASSADO

Um episódio dramático da História da Dinamarca

invocado num filme empolgante entrecho

tilde crescia de dia para dia.

Esqueciam-se dos ódios que fervilhavam à sua volta para só pensarem no amor que os unia. Conta-se que certa noite se beijaram no camarote real dum teatro de Copenhague. Cristiano VII, distraído, não notou esse beijo furtivo. Mas o mesmo não sucedeu a uma grande parte do público que enchia a sala de espectáculos. Carolina Ma-



Struensee segundo um quadro da época e tal como o interpretou o actor Clive Brook



tilde e o seu amante exerciam influência no espírito do rei contra a família deste. Chegaram ao

ponto de obter que o soberano proibisse a sua mãe, a rainha Juliana, e ao seu irmão, o príncipe Frederico, a entrada em certos locais onde Struensee era constantemente admitido.

O descontentamento era geral. Surgiu então o plano duma conjura destinada a derrubar o ambicioso ministro e a libertar o rei da influência da esposa. Eram dirigentes dessa conspiração a rainha mãe, o príncipe Frederico, o conde de Rantzau e o general Bauner.

O dia escolhido para a execução do plano foi o de 16 de Janeiro de 1772, após um grande baile de máscaras que se realizava na Córte.

Struensee e a sua real amante estavam longe de suspeitar o que se tramava. Houve mesmo quem notasse que, nessa festa, Carolina Matilde se mostrou mais alegre do que nunca.

À uma hora da noite a rainha retirou-se para os seus aposentos. Os conjurados tinham tomado a precaução de afastar os criados dedicados à soberana. Por volta das quatro horas, o conde de Rantzau irrompeu no quarto acompanhado por um oficial e quinze soldados que ficaram guardando a entrada. Despertada em sobresalto, Carolina Matilde recebeu do conde ordem para se vestir e para o acompanhar, pois estava sob prisão. Relatam documentos da época que depois de inventivar o seu captor, a rainha lhe disse: — Mas isto é um golpe de mão —

Ao que o conde, a quem a gravidade do momento não fazia perder o espírito, teria objectado. — Certamente que é um golpe de mão, Senhora. Com o pé nunca eu o poderia dar porque sofro de gota.

— E na realidade, o conde fez-se transportar por quatro homens pois quasi não se podia mexer. Carolina Matilde tentou depois comunicar com o rei. Se o tivesse podido fazer estava salva pois a sua influência junto deste era enorme. Mas os conjurados tinham previsto isso e impediram-lhe a passagem. Desvairada lançou-se sobre o conde de Rantzau e esbofetou-o. Por fim,



Uma gravura de Cristiano VII, rei da Dinamarca e Noruega, e a sua interpretação por Emyln Williams



vendo que toda a resistência era inútil, entregou-se aos captores que a conduziram ao castelo de Kronenburgo. Enquanto isto se passava, o general Bauner apresentava-se no quarto de Struensee para o prender. E outro oficial detinha também Brandt, homem de confiança do ditador.

Foi engenhosa a maneira como os conjurados procederam para obter do rei a ordem para realizar estas prisões. A rainha mãe, o príncipe Frederico e mais duas ou três pessoas de família penetraram de noite no quarto do rei. Este acordou alarmado por tão inesperada irrupção e inquiriu do que havia. Disseram-lhe então que foram descoberta uma conspiração destinada a derrubar o do trono e que a revolta alastrava já pela cidade.

— Mandem chamar o Struensee — pediu o rei em sobresalto.

Disseram-lhe então que era o próprio Struensee, o seu amigo Brandt e a rainha que chefiavam a conspiração. Convenceram-no de que corria risco de perder a coroa e até mesmo a vida.

Apavorado com o que ouvia, Cristiano assinou as ordens de captura contra o ministro e contra Brandt. Mas recusou-se terminantemente a assinar a da rainha e declarou que lhe queria falar imediatamente. Perante isto, os conjurados recorreram a evasivas até que o soberano, com grande relutância, acabou por assinar a ordem de prisão.

Carolina Matilde esteve prisioneira no castelo de Kronenburgo durante seis meses, enquanto se organizava o processo contra Struensee e Brandt. Recusou-se sempre, obsti-

nadamente, a confessar que entre elle e a rainha tivessem existido jámais relações de qualquer espécie. Essa nobre attitude custou-lhe a vida. Sucumbiu no cadafalso a

um suplício horrendo. Cortaram-lhe primeiro a mão direita e em seguida decapitaram-no. Por fim o corpo foi esquartejado. Brandt teve a mesma sorte. Entretanto, era decretado o divórcio contra Carolina Matilde. Foi-lhe fixada residência em Celle, perto de Hanover onde veio a falecer pouco depois com 24 anos de idade apenas.

Sobre esta dramática passagem da história dinamarquesa foi composto o filme «O Ditador», notável produção que acentua os progressos que a indústria cinematográfica britânica vem registando desde há algum tempo.

Struensee é interpretado nesse filme por Clive Brook. Isto basta para que se avalie da probabilidade com que essa figura histórica foi evocada.

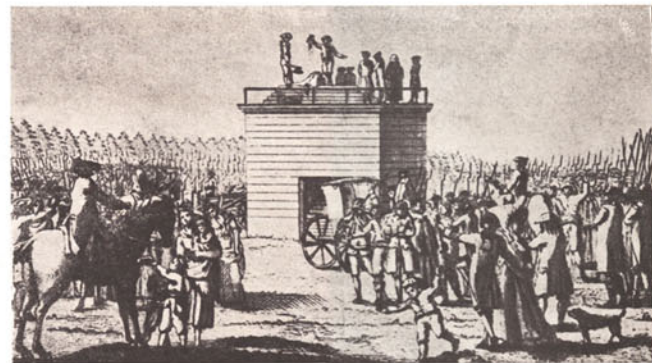
Outra intérprete de relevo é Madeleine Carroll, que tem o papel da rainha Carolina Matilde.

Quanto ao papel de Cristiano VII, é interpretado por Emyln Williams.

A realização foi confiada a Vitor Saville que procurou seguir tão de perto quanto possível a verdade histórica. Raramente se afasta dela, como o leitor pode verificar no dia em que o filme for exibido entre nós, comparando-o com o relato histórico que aqui fica e que é baseado em documentos da época. Mas onde as necessidades do espectáculo cinematográfico o obrigaram a desviar-se, fez-o sem desvirtuar o carácter dos personagens.

Com «O Ditador» o cinema inglês marca mais um êxito brilhante nesse difícil género que é o das grandes reconstituições históricas e de que já nos dera em «A vida privada de Henrique VIII» e «Catarina da Rússia» dois admiráveis exemplares.

«O Ditador» é uma produção de Ludwic Toeplitz de Grand Ry. Para o leitor a quem este nome possa ser estranho, diremos que se trata dum dirigente que fez a sua estreia na grande empresa italiana «Cines». Foi sob a direcção



A execução de Struensee segundo documentos da época. O cartão mostra a cabeça decapitada a multidão

que esta firma romana realizou as três últimas mais célebres produções da cinematografia italiana, nos últimos tempos, que são: «A Armada Azul», feita com a colaboração da aviação de Balbo, «Os homens, que hipócritas!» e «Gariibaldi».

Toeplitz de Grand Ry abandonou há algum tempo a Itália e estabeleceu-se em Londres, onde assumiu a direcção da «London Films», «A vida privada de Henrique VIII», de Alexandre Korda e «Catarina da Rússia», de Paul Czimer foram já realizados sob a sua inteligente orientação.

Toeplitz anuncia para o futuro um interessante programa de produção. O número de filmes a fazer por ano não irá além de dois ou três no máximo. Mas em compensação todos eles serão obras de grande envergadura e de importância internacional.

Após «O Ditador» Toeplitz iniciará a realização de outro filme cuja encenação confiará a Kurt Bernhardt, o grande realizador de «A Última Companhia», notável criação de Conrad Veidt.

Além disso, Toeplitz manifesta ainda a esperança de conseguir no próximo verão trazer Ernst Lubitsch a trabalhar por sua conta na Europa.

Se assim succedesse, poderia dizer-se que a indústria cinematográfica europeia, alcançada um ruidoso êxito sobre a sua congénere de Hollywood.

Por todos estes motivos, Toeplitz é hoje na Inglaterra um homem que goza inteira confiança e de quem se esperam maravilhas.



«Amáveis uns aos outros!» — célebre quadro de E. Debat Ponsan

APESAR de todos os esforços pacifistas dos diplomatas das grandes potências, surge a ameaça terrível duma nova guerra que será mil vezes mais funesta que a deflagrada em 1914.

Os horrores das batalhas de Alexandre Magno, César, Anibal e Scipião são agora suplantados pelos apavorantes efeitos dos gases asfixiantes, dos bombardeamentos aéreos e outras calamidades engendradas pela maldade dos homens.

Afirma-se que, nestes últimos quinze anos, os técnicos alemães inventaram cinco novas armas, qual delas a mais terrível e destruidora.

Um desses inventos — diz a "Sunday Chronicle" — é uma bala que tem o poder de furar uma couraça de 1,80 de espessura. Foi descoberta por Max Oerlick que lhe chamou a "Halgar ultra". Podem ser fabricadas 480 mil por dia.

O outro invento é um canhão rotativo Krupp que contém cinco câmaras, podendo disparar mil projectéis por minuto. Estão a ser construídos dois mil destes engenhos infernais.

Há ainda um foguete estratosférico que, segundo o coronel von Hasselbach, do ministério da Reichswehr, pode ser guiado e carregar explosivos, gases e germes num raio de 320 quilómetros.

Surge mais uma estranha metralhadora que pesando apenas dez quilos, dispara 600 tiros por minuto, para não falar duma metralhadora pesada que, nos mes-

mos 60 segundos, pode disparar automaticamente 1.400 tiros.

Finalmente, apresenta-se o terrível "Raio Z", que, na opinião dos entendidos, constituirá um muro invisível e inexpugnável para a França. Graças a este "Raio Z" as pontes desmoronam-se, os canhões fundem-se, os aviões desintegram-se, os postos de T. S. F. pulverizam-se, o mesmo sucedendo às vias férreas e às placas blindadas.

E' isto o que a Alemanha anuncia — embora com exagero para amedrontar os inimigos — ignorando-se ainda o que os outros países poderiam anunciar.

Ainda assim, pelo que já vimos e sofremos na última guerra, e pelo que estamos a ver preparar, não é difícil fazer uma pequena ideia do que serão as guerras futuras...

Que diriam os grandes guerreiros que açoitaram a humanidade inteira com os combates sangrentos e selváticos? Que diria o próprio Attila se pudesse assistir a estes preparativos de malvezes e destruição? Os seus homens seriam crianças inocentes e meigas ao pé dos modernos realizadores da guerra química.

"O homem — dizia um grande filósofo — é um secular malvado que tem contribuído com a sua malvezes para fazer uma sociedade trinta vezes pior do que ele..

O renúnciamento da artilharia — friso de Sousa Lopes

VOLTAREIS Perante a ameaça nem a esperança nos resta de terra a pacifi

E se Jesus voltasse ao Mundo? Conseguiria pacificar os ânimos e serenar as ambições desmedidas dos grandes potentados?

Se da outra vez o crucificaram, desta o que lhe fariam?

O pintor E. Debat Ponsan, no seu famoso quadro de tese — "Amai-vos uns aos outros!" — apresentou um lancinante protesto contra a guerra. Ante os grandes guerreiros que devastaram cidades e nações na ânsia de conquistas, surge a figura de Jesus a exortá-los à paz. Figuram ali também Francisco I, Carlos IX, — o da matança de Saint Barthelemy —, e o marechal de La Turenne. Todos fitam o meigo Rabbi galileu, mas a luta prossegue dali a pouco e cada vez mais encarniçada.

A estes combates sucederam os dirigidos por Napoleão que fizeram tremer o mundo. Evocaremos Marengo, a vitória conquistada por um engano de Desaix. Este, ouvindo o ruído do canhão, retrocedeu para apresentar-se em Marengo, em vez continuar a sua marcha para o Norte como lhe tinha sido ordenado, salvando assim o exército de Bonaparte e convertendo em triunfo o que doutra maneira teria sido uma derrota esmagadora. E' conhecida a frase de Napoleão quando lhe apontaram os milhares de cadáveres empilhados no campo da batalha que o encheria de glória: "Uma noite de amor em Paris compensará tôdas estas mortes!" O côro, apesar de crente fervoroso como se confessou até aos derradeiros momentos, não tinha em grande conta o salutar ensinamento de Cristo: "Amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei!"

Se Jesus voltasse!... Hoje, pior do que ontem, sofreria os mais horrosos ultrages e o seu calvário seria mil vezes mais feroz do que nos tempos do imperador Tibério.

Hoje não se faz a guerra como na época de Fabio Maximo que apareceu, um dia em Cartago a pedir satisfações pela agressão de Sagunto.

Ó CRISTO? duma nova guerra que o Rabbi Galileu volte à car os ânimos

— Quereis paz ou guerra? — perguntou com a maior arrogância.

— Escolhei vós mesmo — respondeu-lhe.

— Pois então seja a guerra! — gritou Fabio Máximo, sacudindo a ponta da toga como se espalhasse sôbre o adversário a destruição e a morte.

Hoje não se guerreia assim. Os grandes diplomatas das grandes potências realizam conferências mais ou menos morosas e sibilinas em que nada de definitivo fica assente. São assinados tratados que, tempos depois, são violados com a maior sem-cerimónia.

A Alemanha, tendo assinado o Tratado de Versalhes, que não lhe impunha as humilhações que Bismarck impôs aos franceses em 1870, decidiu libertar-se dos compromissos tomados e declarar-se apta a enfrentar todos os que visassem tocar-lhe na sua soberania. Após um jôgo diplomático em que deu sempre cartas, conseguiu esquivar-se ao pagamento das suas dívidas. Recuperou o Sarre, pretende agora Dantzig e o corredor polaco, e há-de querer também a Austria que iria completar o seu sonho imperialista.

Por sua vez, a Austria, seguindo o exemplo da Alemanha, declara não estar disposta a suportar as imposições do Tratado da Paz que não lhe permite a necessária defeza contra os seus inimigos. Quem são estes inimigos? Os da Alemanha? Mas, segundo consta, está planeado um Tratado de estreita aliança germano-austriaca que não anda longe de ser a famosa "Anschluss", sonhada há muito tempo pelos alemães.

Entretanto, a Polónia vacila. Se consentir na entrega do corredor polaco à Alemanha, terá em troca as compensações que deseja na Lituânia?

Em que posição ficará a França? Poderá contar com a Italia e com a Rússia? A Inglaterra dar-lhe-á também o seu apoio? Lloyd George espera ser, dentro em breve, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros. Todos sabem que a Alemanha nunca foi mal vista por este famoso estadista britânico...

Isto na Europa. E no Extremo Oriente? O que fará o Japão que, parafraseando a máxima de Monroe, tem a opinião de que "a Ásia é dos japoneses..."

A América do Norte não deixará de marcar a sua posição de grande potência. Se surgir uma grande guerra que incendeie o mundo não há-de querer deixá-la passar por cima dela.

E é este o panorama do mundo.

Rebentará uma nova guerra? Todos entendem que uma nova guerra seria um horror para a humanidade. Todos reconhecem que deve ser evitada uma tal calamidade, e para isso trabalham de dia e de noite.

Mas se a guerra surgir, mau grado a boa vontade de todos?

Se, a pesar-de tôdas as cautelas e precauções, irromper uma fúria como a de Serajevo a atear um grande incêndio?

Nessa altura sofreremos os horrores da guerra e nem, ao menos, nos resta a esperança de que o meigo Rabbi galileu volte à Terra a espalhar a fraternidade entre os homens cada vez mais cruéis, mais ambiciosos e mais perversos.

Sim, Cristo não voltará...

Os antigos almanagues, publicando o juízo do ano novo, depois de lhe profetizarem as maiores calamidades, acabam sempre com esta frase:

Deus super omnia!

Poderemos seguir este velho exemplo pateando assim a nossa resignação e estoicismo ante os horrores que nos ameaçam? Conseguiremos acalantar uma

fréstea de esperança em dias mais pacíficos? Ainda se Cristo voltasse!...



Reconstituição imaginária dum combate entre navios e aviação



Marengo — quadro de A. La Lanze



Uma trincheira em plena floresta

secundados na sua obra de destruição por uma natureza hostil, tão mortífera como a própria luta.

Os relatos de alguns jornalistas que se têm aventurado nessas sinistras paragens dão-nos um quadro impressionante do cenário perante o qual os

A NUNCIA-SE, uma vez mais, o fim da guerra do Chaco. Diversos países sul-americanos, com o concurso dos Estados Unidos, desenvolvem activas negociações no sentido de pôr termo à luta fratricida há perto de três anos travada entre a Bolívia e o Paraguai. Que esses esforços sejam coroados de êxito, eis o que interessa à causa da Humanidade e da Civilização.

A "Ilustração" já em tempo se referiu ao trágico litígio que ergueu uma contra a outra, duas pátrias que, pela língua e pela raça, tão facilmente poderiam trilhar o caminho dum entendimento perfeito. Pouco se pode hoje acrescentar quanto aos motivos que determinaram o conflito. As mesmas forças ocultas continuam a exercer a sua nefasta influência. A posse de ricas regiões petrolíferas continua a ser o pomo da discórdia fomentada pelos grandes capitalistas interessados na sua exploração.

As condições peculiares da região fazem com que a guerra do Chaco seja uma das mais terríveis que a História até hoje regista. Os homens não se limitam ali a bater-se ferozmente entre si — são

dois povos se digladiam. Uma parte do campo de luta é a floresta primitiva, com todos os seus perigos, a guerra pífida de ciladas, a morte espreitando por trás de cada tronco secular sob as formas duma bala inimiga, duma mordedura de serpente, ou duma frecha envenenada de índio selvagem.

Outro cenário da luta é o plano árido e escaldado no estio, alagado e pantanoso no inverno. Daí o dizer-se que bolivianos e paraguaios disputam barbaramente entre si a posse dum pantano.

Um jornalista francês designou este ambiente dantesco, com o epíteto justo de "o inferno verde". É que todos os horrores que a imaginação humana criou se encontram ali realizados, ampliad os mesmo.

Nestas condições, não é de estranhar

VERDE e florestas do Chaco

A guerra nos pântanos é a mais sangrenta e desumana

que as baixas dos beligerantes atinjam somas pavorosas. Neste três anos de luta, mais de 60.000 combatentes perderam já a vida no campo de batalha, ceifados pela metralha ou vitimados pela doença. Em outro tanto se calcula o número de mutilados. E os desaparecidos contam-se por dezenas de milhar.

Um dos perigos que ameaçam os combatentes é perderem-se na floresta virgem. Os desgraçados a quem isso acontece vagueiam depois ao acaso e quasi sempre acabam por perecer à sede, às mãos dos inimigos ou vítimas dos animais selvagens.

A água escasseia nestas regiões inhóspitas. Tem de ser por isso transportada de grandes distâncias, através de perigos sem conto. Como se calcula cada adversário faz quanto pode para interromper os abastecimentos do outro. Ainda recen-



Em cima: Um fortim típico do Chaco. À esquerda: Um "ninho" de metralhadoras

atroz agonia. A mortalidade atinge nesta guerra desumana uma percentagem aterradora e sem precedentes. As baixas que foram na guerra do Transvaal de 5% e na conflagração europeia de 10%, alcançam aqui 20% e mais. Quere isto dizer que de cada cinco homens, em média, que abandonam os seus lares e partem para a frente de batalha, só quatro deles voltam.

Como dissemos, a natureza colabora nesta tremenda chacina. Uma grande parte das vítimas não sucumbe às balas inimigas. As condições precárias de higiene e o caracter pantanoso da região fazem com que dum lado e outro das trincheiras adversas lavrem as mais terríveis moléstias. A malária, o tifo e o escorbuto fazem entre paraguaios e bolivianos fundos estragos.

Outro aspecto impressionante desta guerra sanguinolenta e estéril é que, tendo ela por cenário a selva primitiva

VERDE

VERDE e florestas do Chaco

quantas até hoje se têm travado

onde os primeiros homens se empenharam em bárbaros combates, tem hoje ao seu serviço todos os requintes duma civilização de suicidas. Os aviões de bombardeamento espalham pelo "inferno verde", os seus engenhos de destruição, às emanações pestilenciais dos pantanos juntam-se as nuvens de gases asfixiantes, o silêncio da floresta é despertado pelo crepitar dos mais aperfeiçoados modelos de metralhadoras e os lança-chamas espalham por sobre os pantanos o seu jacto incandescente.

Mas há ocasiões em que a floresta primitiva retoma os seus direitos. É no corpo a corpo. A faca de mato e o punhal têm então a palavra.

E os homens debatem-se numa luta mais feroz e sanguinária que as dos seus antepassados quando disputavam uma presa com os seus tóscos machados de sílex.

Esta região selvática onde algumas centenas de milhar de homens travam luta de morte é habitada por tribus de índios, tais como os Tobas e os Charupies, a que se convencionou chamar selvagens porque ignoravam até à pouco a excelência das bombas e das metralhadoras.

Mas essas raças primitivas depressa se afixaram aos costumes da gloriosa raça branca. E tendo-se apoderado de metralhadoras e munições abandonadas pelos bolivianos ante o avanço paraguaio, proclamaram-se independentes e constituem hoje um sério perigo para ambos os adversários e até mesmo para a Argentina em cuja fronteira se deram já sangrentos conflitos.

A pesar-da desesperada resistência dos bolivianos, os paraguaios têm ultimamente obtido grandes vantagens. Pode presumir-se, portanto, que lhes caberá a vitória se antes disso não surgir um entendimento que ponha termo a esse fu-

O transporte de água para as zonas áridas



neste conflito. E em nome dos mais elementares princípios de humanidade, assim desejamos que aconteça.

Cabe aqui dizer que, com todos os seus horrores, o Grande Chaco é uma região cheia de interesse para o naturalista pela fauna particular que o habita.

Antônio Zischka, que viveu algum tempo nessas paragens descreve nos termos seguintes alguns aspectos da região:

"Havia junto de nós uma quantidade considerável de *tujujus*,

essas aves dos pantanos que têm um gosto particular pelas enguias. Com os seus enormes bicos não cessam de perfurar o lodo, donde retiram, uma após outra, as enguias. Conservam as mais pequenas numa especie de saco que têm no pescôço. Quando conseguem apanhar uma enguia grande, esmagam-lhe a cabeça com o bico, segurando-a entre as patas, e depois engolem-na. Após estas opíparas refeições, fazem a digestão com os olhos fechados e em equilíbrio sobre uma pata. É nessa ocasião que se atira sobre elas. Tiram-se-lhe as enguias pequenas ainda vivas que elas guardam como reserva, e comem-se estas depois de grelhadas."

Os índios conhecem ainda um original método de pescar, que consiste no seguinte: Fazem uma incisão no tronco de certas árvores espinhosas a que dão o nome de *ochocho* ou *seibo*. Do golpe corre um litro ou dois dum líquido turvo, que lançado num charco faz com que

momentos depois todos os peixes que êle contém sobrenadarem atordoados. Podem apanhar-se então facilmente e comê-los sem perigo. Mas desgraçado do que fór atingido nos olhos pelo líquido, porque ficará irreversivelmente cego.

Zischka conta ainda um pormenor curioso. Possuía um cão e observou que o animal costumava dirigir-se à borda do rio, ladrava durante algum tempo e em seguido deitando a correr ia beber muito longe dali. Foram os índios que lhe explicaram a razão d'êste maneio. Tratava-se duma artimanha destinada a



Em cima: A aviação é empregada no transporte dos doentes vitimados pela epidemia. À esquerda: Panorama de ruínas

iludir os caimões ou jacarés. Sentindo os latidos, os temíveis sáurios aproximavam-se do local na

esperança de fazer uma boa presa. E o inteligente animal podia então ir beber sem perigo a outro ponto mais distante.

Este vasto território só incompletamente foi explorado pelos sábios. Situado em pleno interior do continente sul-americano, pertence ao número das regiões que os mapas geográficos assinalam dificilmente. As suas florestas eram até ha pouco virgens.





A SENHORA DOS BONS TEMPOS: — Gostava de saber para que parou o comboio fora da estação

HUMORISMO

— Pois bem — dignou-se ela responder. — Ficas prevenido de que se torno a sonhar que beijas outra mulher está tudo acabado entre nós.

— Mamã, posso ir para o pátio brincar com o Tónico?

— Não, meu filho. Esse rapaz é muito malcriado e antipático com êle.

Dez minutos depois.

— Mamã, posso ir para o pátio bater no Tónico?

Duma janela dum terceiro andar um homem precipita-se à rua. Acorrem transeuntes que verificam que êle sofreu ape-

nas ligeiras contusões. Alguém interroga a vítima sôbre as razões do seu acto:

— Fui enganado por uma mulher — esclarece êste.

— Um suicídio por amor — comenta um dos do grupo.

— Nada disso — observa o ferido. — Fui enganado porque ela disse-me que o marido só vinha para casa daqui a duas horas.

Num restaurante, um cliente interpela o criado:

— Que vem a ser isto hoje? Trouxe-me primeiro o peixe e depois a sopa. Deve saber que como sempre a sopa primeiro.

— Sim, senhor — disse o criado tomando um ar confidencial. — Mas aqui para nós, o peixe estava tão retardado que não podia esperar nem mais um minuto.

Um escocês chega a uma cidade e hospeda-se num hotel. Quando procede à sua instalação no quarto, dirige-se à janela, abre-a e nota que mesmo em frente fica a torre da

catedral onde há um enorme relógio. Verificado isso, volta para dentro e tira a corda ao seu relógio de bolso.

— Porque choras tanto a morte de teu tio, que nem um centavo te deixou no testamento?

— E não te parece isso uma razão suficiente?

— O José perdeu o hábito de beber.

— E como foi isso?

— Um dia foi para casa embriagado. Estava lá a sogra. Olhou para ela e viu duas. Desde êsse dia tomou aversão à bebida.

— Não gosto de fingir saber o que não sei — dizia um pretencioso — Quando ignoro uma cousa, digo logo francamente que não sei!

— Mas nesse caso as tuas conversas devem ser duma monotonia atroz — comentou o amigo sincero.

O apaixonado romântico: — Senhora diga-me uma só palavra e serei o homem mais feliz do mundo!

— Imbecil!

— Aqui tens o anel que me deste. As nossas relações acabaram. Encontrei outro homem que me compreende melhor que tu.

— E onde está êle? Como se chama? Onde mora?

— Porquê — interrogou ela receosa — Queres mata-lo?

— Não. Quero vender-lhe o anel.



— Para que estás a chorar, rapaz, se fui eu que caí?
— Pois sim... Mas escorregou na minha banana.

ENTRE dois viajantes que seguiam no mesmo comboio estabeleceu-se animada conversação. Um dêles acumulou o outro de atenções e pôs nisso tal insistência que o obsequiado não pôde eximir-se a uma certa estranheza. Mas a sua admiração atingiu o mais alto grau quando, depois de lhe ter perguntado em que estação se apeava, o seu amável companheiro de viagem lhe disse:

— Admirável! É êsse também o meu destino. E nesse caso, espero que me dará o prazer de me acompanhar a casa e jantar comigo.

Perante tão inesperado oferecimento, o outro não se conteve que não manifestasse a sua surpresa. Mas o passageiro amável tranquilizou-o imediatamente com esta explicação:

— A razão do meu oferecimento é simples. Minha mulher anda sempre a dizer que eu sou o homem mais feio que existe. E já agora gostava que ela o conhecesse...

Tinham-se casado havia poucas semanas e nenhuma sombra viera ainda empanar o brilho da sua lua de mel. Mas naquele dia, ela levantou-se mal humorada e durante o almoço só respondeu por monossílabos ao que o marido lhe perguntava.

— Mas, minha querida — observou-lhe êle, por fim, — dize-me o que tens. Talvez seja alguma cousa a que eu possa dar remédio.

TODA a gente mente por necessidade, por comodidade e até por vício. Toda a gente, menos os nossos leitores que ficam sendo excluídos por um dever de delicadeza aliás natural. A Mentira é o pão nosso de cada dia. E, no entanto, toda a gente pretende manifestar um enranhado culto pela Verdade.

Haverá alguém que, em toda a sua vida, não tivesse mentido quatro ou cinco vezes por dia?

Mentiras piedosas — podem objectar — que serviram para evitar grandes amarguras.

A esposa ciumenta, dando largas ao seu desespero egoísta, declara, sempre que lhe dão margem ao desabafo, ser preferível viver na ilusão de ser amada, embora o marido partilhasse com outra os carinhos que só a ela deviam pertencer. Mentisse, ao menos, soubesse disfarçar — e tudo continuaria ás mil maravilhas.

A conhecida máxima «mais vale um desengano do que viver enganado», não tem hoje em dia a menor razão de ser.

Se a desilusão tem de chegar, que chegue o mais tarde possível. Até lá, vai-se vivendo de ilusões. «Olhos que não vêem, coração que não sente».

Apesar disto, aconselha-se a Verdade que nem o próprio Cristo quis definir.

Quando o Nazareno, ao ser interrogado por Pilatos, afirmou: «Todo aquele que é da Verdade, ouve a minha voz», o pôncio perguntou-lhe: «E o que é a Verdade?», ficando sem resposta.

Ai! do mundo, ai! da humanidade se, um só dia que fôsse, se falasse apenas a linguagem da Verdade. Daí o próloquio: «nem todas as verdades se dizem» que figura na sabedoria das nações.

Quando uma testemunha entra no tribunal, a fim de elucidar a justiça, o juiz pergunta-lhe:

— «Jura sob sua honra dizer a verdade?»

E a testemunha, sem a menor hesitação, responde num tom firme e convicto:

— «Juro sob a minha honra dizer a verdade!»

E quantas e quantas vezes está a mentir, ou por ódio ou por amizade para com o réu, do qual jurou também não ser amigo nem inimigo!

Mas porque não ha-de ser assim a humanidade se desde o berço lhe ensinaram a mentir, atribuindo ao gato a molhadela largada por descuido na cama, ou qualquer outra pèta que lhe evite um par de açóites bem puxados? Quando uma criança embirra em não querer comer, a mãe ameaça-a com o «homem do saco», o «papão» ou qualquer outra mentira terrificante.

Consegue os seus fins, mas a criança

também consegue saber mais tarde que fôra vítima dum lôgro, ficando apta a pô-lo em prática em mil e uma modalidades, consoante mais lhe convenha.

Mente-se ao pai, mente-se à mãe, mente-se até a Deus nas preces que lhe dirigem: «perdoai-nos, Senhor, as nossas

dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores». O senhorio, tendo acabado de resar o «padre-nosso» põe na rua o inquilino que, por absoluta falta

O PERIGO DA VERDADE



de recursos, não lhe pagou a renda em data competente. E quem diz o senhorio, diz o merceiro, o padeiro, ou o fornecedor da água ou da luz. No entanto, no dia seguinte, após terem tirado o alojamento ou o pão a dezenas de desgraçados que não tinham dinheiro para saldar as suas contas, voltam a orar com a maior convicção: «perdoai-nos, Senhor, as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores!»

Se morre algum parente a qualquer conhecido nosso, esboçamos um ar contristado e lamuriamos:

— Os meus sentimentos pelo profundo golpe que recebeu. Tenha paciência. E' a lei da vida. Tenha ânimo. Sinto como ninguém a sua profunda máguia!

Todos os dias se efectuam negócios em que uns enriquecem e outros ficam pobres como Job. No entanto, a polícia preocupa-se apenas com os modestos «vigaristas» que embarrilaram o pobre

forasteiro ingénuo numa ou duas centenas de escudos...

Falar verdade! Dizer apenas a verdade!

Ai! do mundo, ai! dos homens no dia em que isto sucedesse!

Ruiriam lares, desbarariam reputações, cairiam amizades, e créditos e não ficaria uma réstea de respeito entre a humanidade.

E' linda a verdade que todos dizem querer desencantar no fundo

do do pôco e erguê-la à luz do sol em toda a sua esplêndida nudez.

Pois façam isso, façam, e verificarão que «nem todas as verdades se dizem».

Temos a certeza de que qualquer destes mentirosos, ao ser increpado pela falsidade da sua oração, procuraria mistificar quem o interrogasse — e até o próprio Deus, sem remorso algum.

Conta-se que um fervoroso devoto de S. Nicolau, atravessando uma floresta da Rússia, numa noite de horrendo temporal, prometera ao santo vender o cavalo e comprar-lhe cêra com a importância obtida. Ao chegar são e salvo ao seu destino, quis dar cumprimento à sua promessa e dirigiu-se a uma feira próxima, a fim de vender o cavalo. Levou também um galo com fim idêntico. O negócio só poderia ser feito desta maneira: quem comprasse o galo, cujo preço era de 100 rublos (quinhentos mil reis, pouco mais ou menos, na nossa moeda) teria de levar também o cavalo por 2 kopecks (um tostão aproximadamente).

Não faltou quem aproveitasse o negócio, e, assim, S. Nicolau obteve duas vélinhas de meio tostão, tendo de dar-se por pago e satisfeito. Mente-se a toda a gente e até aos santos...

Quando nos apresentam qualquer pessoa com a qual embirramos à primeira vista, dizemos apertando-lhe a mão, o mais efusivamente possível!

— Muito prazer em conhecê-lo!

Haverá alguém a quem não tenha sucedido isto?

É que na vida temos de ser assim, por maior que seja a nossa devoção pela verdade.

É preciso fingir, quando mais não seja, para não vexar o amigo que, desconhecendo a nossa repugnância pelo seu apresentado, ficaria numa situação deplorável perante qualquer grosseria da nossa parte.

Mentir sempre — eis o que nos cumpre fazer para sermos pessoas decentes, educadas e dignas de toda a consideração.

Se dissermos a um autor dramático que a sua peça é uma borracheira, a um poeta que os seus versos são torcidos como raízes de sobreiro, a uma senhora que veste com menos elegância do que a nossa criada, passaremos por mal-criados.

Falem verdade, portanto, se são capazes!



Plano de Belem — Quadro da Galeria dos Duques de Fernand-Núñez, em Madrid, pintado por Jean Dillet, famoso artista francês do século XVIII

idade de ouro, a arquitectura portuguesa, embora ainda fiel ao gótico —

JOÃO PRIMEIRO, rei castelhano, querendo sentar no trono português sua mulher Dona Brites, filha de Leonor Teles e de Fernando, o Formoso, e combater, mais tenazmente, as justas pretensões do Mestre d'Aviz, eleito do povo, mandou aprestar, em Sevilha, uma poderosa armada, onde, por sua expressa ordem, embarcaram inúmeros fidalgos dos dois reinos vizinhos, e todos os soldados que foi possível alistar, para vir pôr cerco a Lisboa.

Pela completa ausência de fortificações no Tejo, fácil teria sido, então, a esse ambicioso monarca espanhol, tomar uma tão requestada cidade, se não fôra a peste que grassára a bordo e a doença que atacara a esposa, o abrigarem a levantar o bloqueio, e com enormes baixas no exército, a retirar-se para os seus domínios.

Foram, tanto este assédio, como o realizado no reinado anterior, por Henrique II, o Bastardo de Castela, em que a mesma praça, igualmente indefesa por mar, foi rendida, sequeada e queimada, que levaram Dom João Primeiro, de Portugal, a iniciar a defesa das costas marítimas do País.

Esses dois factos belicicosos também contribuíram para que o Rei de Boa Memória, glorioso triunfador da batalha de Aljubarrota e da conquista de Ceuta, não se olvidasse da defesa da barra do Tejo e do pórtio de Lisboa, e, como fizera ao Sado e a Setúbal — construindo a Torre do Outão — mandou edificar a cidadela de Cascais, e, na escarpa de um monte fronteiro a Belem, a fortaleza de São Sebastião de Caparica, que, mais tarde, foi chamada Torre Velha, e que se desmoronou com o terramoto de 1755.

Foi para estabelecer fogos cruzados com esta última fortificação, que o mui alto, mui excelente e poderoso Rei Dom João II ordenou a Garcia de Rezende (como o afirma este seu próprio cronista), o desenho de uma torre que pretendia levantar sobre um grupo de rochedos existentes no rio, a pequena distância da margem do surgidouro do Rastrêlo.

Pela morte prematura deste Príncipe Perfeito, coube a Dom Manuel I, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, a ventura de mandar erigir o referido baluarte costeiro, que logo dedicou a São Vicente, patrão da mui nobre e sempre leal Cidade de Lisboa. Nessas suas felizes datas de apogeu marítimo, nessa sua afortunada

que já tinha deixado o lugar ao nascente — muda de adorno e de carácter. O cordame das naus, a esfera armilar e a Cruz de Cristo, servem de modelo aos principais motivos decorativos. Francisco d'Arruda, mestre de pedraria d'esses aureolados templos das Descobertas, ao ser encarregado de construir a dita Torre de Belém, adopta os três referidos elementos para a sua decoração.

Os signos da ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, profusamente esculpidos em um tão aprimorado monumento nacional, justificam-se! Para a aura das navegações lusitãs, muito contribuiu essa invicta Milícia Equestre, de que fôra Regedor e Grão-Mestre o Infante Dom Henrique — aquele "talante de bem fazer", que primeiro gravou a sua rubra cruz no branco velame das caravelas portuguesas, e que, com as suas científicas rotas marítimas, matematicamente orientadas pelo curso dos astros e pelos instrumentos náuticos que engenhára, empreendendo novos descobrimentos de céus, terras, mares e climas, deu a conhecer ao Mundo o que esse mesmo Mundo desconhecia.

Dom Manuel, Administrador e perpétuo Governador da mesma nobilíssima Cavalaria, que viu o seu imenso poderio fixado nos mares da Europa, da Asia da Africa e da América, e os seus domínios dilatados pelas quatro partidas do Globo,



Cavaleiro da Ordem de Cristo ou da Comenda das Duas Ilhas

A TÔRRE DE BELEM

e as más vizinhanças que afronta sua estética e as suas tradições

além dos avultados dízimos eclesiásticos que lhe doára, fizera passar, de sessenta para quatrocentos e cinqüenta, as suas Comendas, tornando-a, assim, a Confraria mais rica do órbe cristão. Foi esta sua generosidade que lhe permitiu, afoitamente, e para aumentar a glória e o crédito da mencionada Milícia, criar trinta Hábitos, em Comendas, para os moradores permanentemente, em terras africanas, para que, como dizia, "naquelas partes fôsse visto, pelos mouros, inimigos da nossa Santa Fé Católica, o sinal da sua Ordem", e, aumentar, também, as Comendas destinadas às rendas dos seus territórios de Cacim, Alcácer, Azamor, Ceuta, Tanger e Arzila, e da Guiné, da Arábia, da Pérsia e da Índia.

A esfera armilar que, conjugada com a Cruz de Cristo — fiel companheira do esplendor nacional — em cruciforo, o emblema régio manuelino, bem merece, igualmente, ver-se relevada em tão histórica jóia do tesouro pátrio.

Esta figura simbólica da "Sphera Mundi", com que os astrólogos representam o Céu e a Terra, foi concedida a Dom Manuel, quando ainda moço, para sua insignia, e apenas com direito eventual ao trono, por Dom João II, que assim quis premiar a sua reconhecida propensão para os estudos cosmográficos e náuticos. Depois de proclamado rei, como Diadema da Pátria e Esperança do Universo, acrescentou-lhe a legenda latina "Spera in Deo, et fac bonitatem: — tem esperança em Deus e faz obras boas —, ou a abreviatura "In Deo", como a dizer: com o auxílio Divino todo o mundo conquistarás.

Segundo é tradição, foi em 1520 que se acabaram de cinzelar estas duas divisas, na sobredita torre, de estrutura quadrada e anteposta por uma plataforma guarnecida então de duas baterias, da qual, cinco anos depois o afortunado Rei das conquistas fez doação da sua capitania a Gaspar de Paiva. Até ao meado do século dezoito, exercera ela, exclusivamente, as seguintes funções dignificantes: cobrar direitos aduaneiros, visar passaportes às entradas e saídas dos barcos, corresponder às salvas e ao estipulado tiro de canhão aos navios, preservar dos corsários o Mosteiro de Santa Maria de Belém, e defender o pórtio de Lisboa — nesses tempos o mais famoso "Empório do Mar Oceano".

Após ter desempenhado essa assim honorosa missão, encontrou o infício da sua desventura quando, no Real Paço da Ribeira, faleceu o Magnânimo Rei Dom João V, que, como Dom Manuel, deixou definida e demarcada a sua época e a sua arte, em muita preciosidade do País, e que, para defender as reliquias do Passado, fez publicar a Carta Régia de 20 Agosto de 1721, em que vindicava os antigos monumentos, da injúria que lhes fazia a ruína do tempo e o descuido do homem, e ordenava que se não destruíssem, no todo nem em

parte, os edificios ou as antiguidades que se entendesse serem vindas dos nossos remotos antepassados.

Logo no reinado de Dom José I, o Marquês de Pombal, tornando-a cárcere de algumas das muitas vítimas da sua tirania, faz-lhe perder a auréola de bondade que a verduga Torre de Londres, e tantas outras, nunca possuíram; e, mais tarde, no reinado de Dona Maria I, o General Valerêe, começando, em 1780, a construir à sua ilharga o entaipante Forte do Bom Sucesso, aterra-lhe o histórico canal que a separava de terra e dera acesso aos baixes e galeões da ocidental praia Lusitana, quando, já cobertos de glória, voltiam a ancorar ao surgidouro do Rastrêlo.

Apesar de tudo isto, o seu pior bocado estava-lhe reservado para quando um príncipe rebelde, desobediente ao Pai, ao Rei e à Pátria, veio, com um exército de muitos estrangeiros e poucos portugueses, instaurar o princípio liberalista.

As várias e repetidas cabraladas e saldhadas deixaram campo aberto a todo aquêlle que se empenhava em apagar e destruir o que evocasse o Passado, a Tradição e a História.

Por isso, decorridos alguns anos sobre o desembarque do Mindêlo, já o nosso grande Garrett, deparando com uns míseros casinhotos a empanarem a Torre de Belém, verberou indignado: — "É o primeiro edital que está logo à entrada de Lisboa, para dizer ao estrangeiro que entra: aqui moram bárbaros!"

Nessas turbulentas datas, igualmente comentaram: — "O soberbo monumento da Torre de Belém está com efeito, desfigurado, do mesmo modo que estão quasi tôdas as nossas veneráveis antiquilhas. É vergonhoso, realmente, que o talvez, único modelo deste gôsto, da arquitectura militar de Portugal, não seja poupado e conservado. Os relevos e bastiões, as guaritas dos ângulos com diferentes lavôres, as ameias situadas entre estas, o eirado superior ameaado, seguro por cachorros de pedra, a porta brasonada,"

dras, tudo inspira sensação profunda à alma do poeta antiquário, escutando a onda que lhe sussura aos pés e o vento que sibila nos ares.

Foi também, então, que, para se livrarem do abandono a interessante Sala Régia e outras dependências, lançaram o seguinte alvitre, que só nos nossos dias, em parte acitaram: "Seria de grande vantagem estabelecer nesta torre, à maneira do que se vê agora na de Londres, um depósito ou museu de objectos pertencentes à história militar do país, contendo a célebre peça de Diu, armaduras antigas, armas mais modernas, e artigos semelhantes, dignos de admiração e respeito."

¿Mas o que vos importa — ó mutiladores das nossas mais lídimas obras de arte! — desse anêlo de há quasi um século, para se poupar e conservar essa evocativa torre, que, Ramalho Ortigão, literato de raça, disse ser o mais peregrino entre os mais belos monumentos da arquitectura portuguesa, e em que, para cúmulo da sua desdita, collocaram, ainda, um falorim de pardacenta e mascarada lata.

Demais sabemos nós, que trilhamos uma geração devastadora, de egoísmo, de êrro e de absurdo; e se houvessemos de apontar todos os vandalismos que, como este, se têm cometido no país, não chegariam, por certo, em tão grosso volume como o nosso imortal "Lusitadas".

Vejamos o que fizeram junto do mesmo padrão memorável, interêsses industrialistas logo que se concluíram as muralhas e a doca da 2.ª secção do Pôrto de Lisboa.

Embora tardiamente, acabe-se, de uma vez para sempre com essa permanente vergonha, retirando para outro lugar, aquellas indecorosas instalações da Companhia do Gaz, e, como fez, em Paris, Adolphe Chérix, antigo presidente do Conselho Municipal, a serviços idénticos, no bairro de Vaugirard, execute-se nesse valioso e histórico local conquistado ao Tejo, um gracioso jardim de

gôsto genuinamente português. Bem sabemos que a realização de um tal melhoramento tem os seus entraves a vencer! Segundo algures disseram, o contrato de 1928 obriga a Câmara Municipal de Lisboa a pagar às Companhias Reunidas, bastantes centenas de contos para livrar a Torre de Belém da vizinhança das suas fábricas. Mas, nestes casos extremos — dizemos nós — em que além da estética ulissiponense, está afectado o decôr nacional, o que está mal emenda-se, o que se oponha a isso revoga-se.

Como vêem, é coisa simples, desde que haja um pulso enérgico e decidido para o fazer.

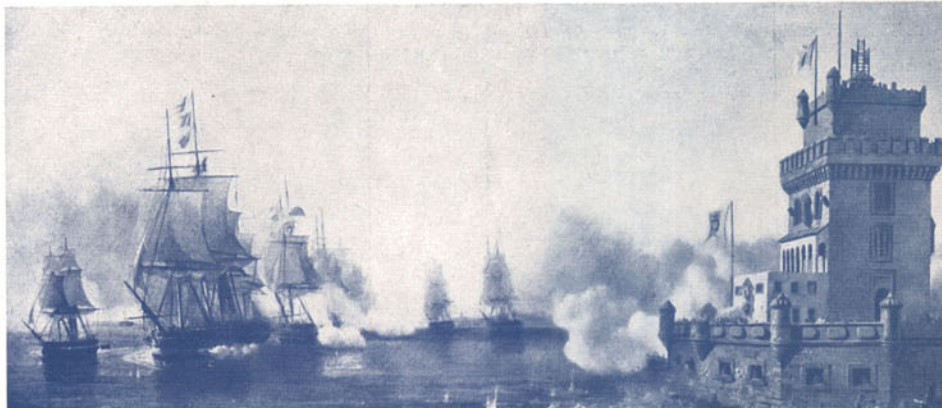
Roma, a Cidade Eterna dos Césares e dos Pontífices, acaba de nos oferecer um salutar exemplo.

Mussolini, restaurador das antigas virtudes e grandezas romanas, empunhou, ainda há pouco, a picareta, com o fim de dar o golpe simbólico num dos muitos pardieiros condenados para se restituir a primitiva magestade ao Augusto.

Agora, que entrámos no caminho das realizações ousadas, surja-nos um gesto idéntico. e arrase-se também o fumacento monturo que há tanto vem denegrindo a nossa Torre de Belém, esse preclaro monumento que, como o seu vizinho Mosteiro dos Jerónimos, está demarcando a gloriosíssima praia de onde, para prosseguir as empresas henriquinas e a maior Epopeia Oceânica do Mundo, partiram, com os olhos fixos na Pátria, Diogo de Azambuja para o golfo da Guiné, Diogo Cão para o reino do Congo, Bartolomeu Dias para o cabo de Boa Esperança, Vasco da Gama para os mares da Índia, Afonso de Albuquerque para o Império Asiático Lusitano, Alvares Cabral para as Terras de Santa Cruz, Côrte Real para as regiões da Groenlândia, Coelho Coutinho para Madagascar, Lourenço de Almeida para Ceilão, João da Nova para Santa Helena, Vasco de Abreu para as Molucas, Tristão da Cunha para as Ilhas da Ascensão, e outros mais varões para tantos confins assinalados por Portugal!

E. Raposo Botelho.

Ob esquadra do almirante Roussin forçando a entrada do porto de Lisboa em 1855 — Quadro de D'Esyler



TRÊS anos durou a missão de Jesus através das terras da Judeia, e tanto bastou para que surgisse uma das mais formidáveis revoluções que convulsionaram o mundo. O meigo Rabbi nazareno, opondo-se às bárbaras leis do seu tempo, mostrou aos povos escravizados os benefícios da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade. Havia dois perigos terríveis a vencer: a tirania de César e os velhos preconceitos hebreus.

Dáí a perseguição que lhe moveram. O paladino excelso dos mais nobres ideais tornou-se mártir — mas o seu sangue generoso não foi derramado em vão. Os seus preciosos ensinamentos fizeram combustão e atearam labaredas que envolveram a humanidade, destruíram algemas, e forçaram o desabamento dos troncos do despotismo.

Comemora-se agora, mais uma vez a sua paixão e morte. A Igreja veste de luto, quando devia envergar as suas galas mais preciosas.

É que a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém por entre palmas e hossanas foi o prelúdio, não do drama do Calvário, mas da Ressurreição que poderemos tomar como a realização plena e grandiosa da alma das multidões sedentas de liberdade e de justiça.

Não é necessário ver a frente de Jesus circundada por uma auréola de divindade para reconhecermos a grande verdade dos Evangelhos.

Assim, a crença em Cristo será mais límpida do que a esquematizada pelos vários doutores da Igreja e adaptada, consoante as necessidades da ocasião, pelos vários concílios apostólicos romanos, sob a égide da infalibilidade papal.

Evocaremos o suplicio de Jesus, recordando essa época recuada em que apareceu um sonhador de olhar doce e profundo e frases persuasivas e meigas, a pregar umas doutrinas revolucionárias, salutares e emancipadoras. Nunca até ali fóra conhecido o sentimento da Igualdade, pelo menos em teoria, como ainda hoje. A própria Liberdade, não usando, então, o górru frígido a tapar-lhe as orelhas, era muito restrita e considerada como uma generosa concessão dos senhores aos seus escravos.

Surgindo Jesus, o seu verbo inflamado correu logo por toda a Judeia, e fez tremer o poderoso Tetrarca no seu sólio magnífico.

Jesus escolheu os seus discípulos entre os ingénuos e simples pescadores, e disse-lhes:

— "Vinde comigo, que eu vos farei pescadores de almas!"

Sentindo aproximar-se o fim, deu a

ceia de despedida aos que o tinham acompanhado, e revelou-lhes as últimas verdades. Em dado momento, cobriu-se-lhe o semblante duma profunda tristeza, e disse: "Em verdade vos digo que um de nós me ha-de trair!". Os discípulos olhavam uns para os outros, desconfiados. João, "aquele que Jesus amava", reclinou mais a cabeça no seio do Divino Mestre.

— "Senhor, quem é?" — perguntou num murmúrio.

— "É aquele a quem eu der o pão molhado..."

"E molhando o bocado, deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão... Logo após, disse-lhe: — "O que vais fazer, fá-lo depressa!"

Foi este momento de acção o escolhido por Leonardo de Vinci para o seu imortal quadra "A Ceia", encomendado pelo duque de Milão, e pago adiantadamente com toda a generosidade. O quadro era destinado ao refeitório do convento de Santa Maria delle Grazie, de Milão, e como tinha de ser pintado na parede do refeitório, os frades acompanhavam o trabalho do pintor genial. Este, absorto noutros trabalhos, descurou a obra, e, durante mais dum ano, não pôs os pés no convento. Os frades, que desejavam o quadro concluído, foram queixar-se ao duque de Milão.

Mandou este chamar mestre Leonardo, e exprobo-lhe o seu procedimento. O pintor desculpou-se como pôde, mas não voltou ao convento. Mais uma vez os frades pediram a intervenção do duque, jurando que mestre Leonardo o enganava, porque, faltando apenas a cabeça do Judas, havia mais de um ano que não dava uma pincelada no painel.

O duque, irritado, mandou de novo chamar o artista, e disse-lhe:

— Tu afirmas que trabalhas duas horas

HISTÓRIA EM QUADRO

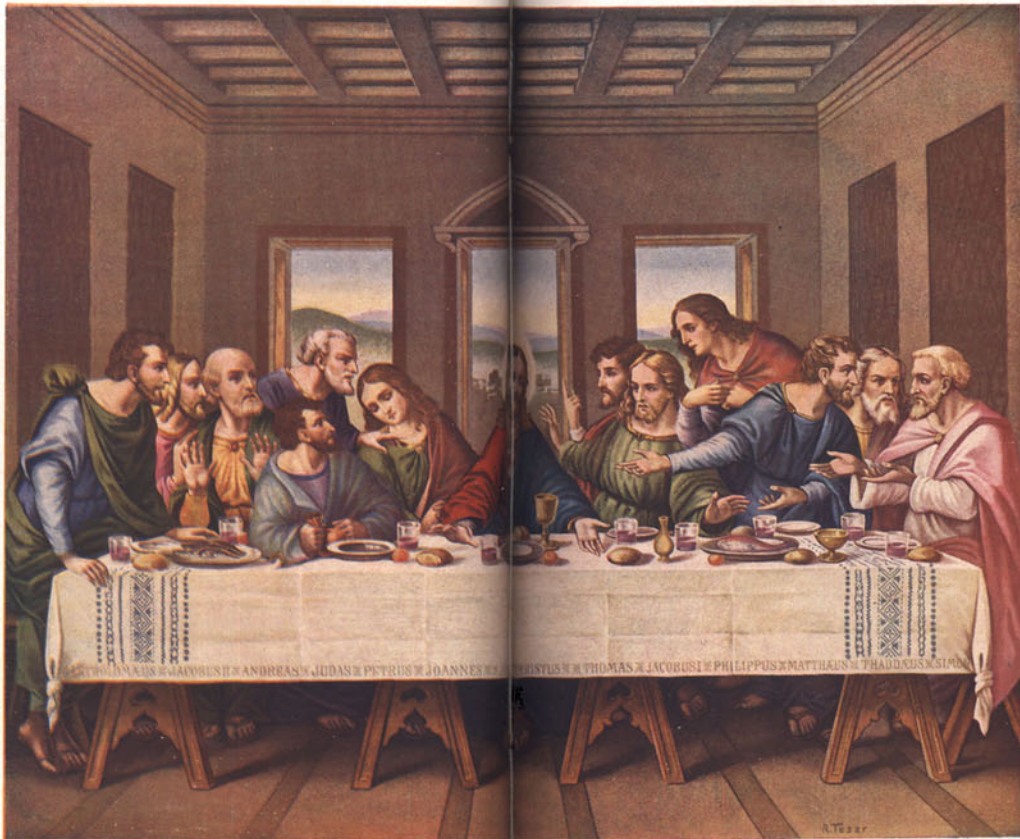
LEONARDO DE VINCI E A SUA "CEIA,"

As dificuldades que grande pintor teve para achar um Judas a sua vontade

por dia no quadro, e os frades juram que não molhava apenas a cabeça de Judas? Pois encontrei lá há mais de um ano. Como explica o que tem sido a minha maior dificuldade. A cabeça de Judas deve exprimir toda a baixeza da sua alma. Onde encontrá-la? Há mais dum ano que tendem de pintura... O que eles dizem é verdade, procuro o modelo através desta cidade, e sempre de, mas apenas quando afirmam que não me encontram em vão: vou ao bairro dos judeus, contemplo-os há mais dum ano a dar a última pincelada e memoradamente à saída de suas casas, sigo-os pela rua dos Ourives, observo-os ao balcão, dou fé das traficâncias que fazem, olho-lhes bem para as caras, e ainda não

— Os frades — respondeu Leonardo — nada sabem. Onde encontrá-la? Há mais dum ano que tendem de pintura... O que eles dizem é verdade, procuro o modelo através desta cidade, e sempre de, mas apenas quando afirmam que não me encontram em vão: vou ao bairro dos judeus, contemplo-os há mais dum ano a dar a última pincelada e memoradamente à saída de suas casas, sigo-os pela rua dos Ourives, observo-os ao balcão, dou fé das traficâncias que fazem, olho-lhes bem para as caras, e ainda não

— Não compreendo.
— Não lhe disseram os frades que



consegui encontrar a expressão de maldade que busco para a cara de Judas. Procuo os mercadores, entro nas suas lojas, paro junto dos oficiais de justiça e procuradores de causas, aproveito o momento em que instruem testemunhas falsas para irem jurar nos feitos. Não aparece ainda o Judas que procuro. Finjo uma busca de autos, e vou-me por esses escritórios do civil e do crime — e bem sabe Vossa



Alteza quantos há nesta grande cidade de Milão! Vejo-os sentados às suas bancas com os respectivos escreventes. Oiço-os ditar as várias cláusulas nessa algaravia da justiça que só eles conhecem, e procuro ouvir a frase que Judas teve para os fariseus: — "Quanto me quereis dar, e eu o entregarei nas vossas mãos?" O que oiço e o que vejo é muito, mas ainda não é tudo o que preciso para pintar o meu Judas. Vou a casa dos usurários, fingindo-me oficial reformado, levando a fome na cara, e o meu recibo averbado na mão. Fito-os bem nos olhos, e observo a dureza e a insensibilidade ante os clamores lancinantes da indignação; escuto ali os ecos tristes e fúnebres dos 85 por cento, mas nada disto é ainda o Judas que procuro.

Aconselharam-me a procurar os letrados para os consultar sobre fantásticos pleitos, que não tenho nem quero ter, e proponho-lhes que me façam achar razão na mais torpe das infâmias. Todos me dizem que lhes passe uma procuração. Em suma, não encontro ainda o Judas que procuro.

Muita igreja, senhor, e muito sacristão tem esta capital da Lombardia. Dirijo-me a umas e a outros para tratar dum entêro de que não estou incumbido. A avareza e a sordidez são as características daquelas caras tão duras, e tão inexoráveis como a Morte que força os enlutados a procurá-las.

Em vão, sempre em vão. Eis o motivo da minha longa demora. Finalmente, julgo ter encontrado o meu Judas. Juro a Vossa Alteza que não terá mais o incômodo de me mandar procurar por este assunto, nem os frades o trabalho de se queixarem de mim. No último Capítulo Geral, foi nomeado para o convento um novo guardião. Ontem fui cumprimentá-lo, e dar-lhe os parabens. Pois confesso a Vossa Alteza que fiquei mais satisfeito do que Pitágoras quando achou o quadrado da hipotenusa. Medi o homem: era esse o que eu procurava!

Acabarei, pois, o quadro, visto ter encontrado por fim o meu Judas!

O duque riu muito, e deu por bem empregado o dinheiro gasto com a obra de Leonardo de Vinci que tem como remate a cabeça de Judas que é o retrato do tal guardião do convento.

Gomes Monteiro.

PAIXÃO E MORTE DO POETA TASSO

FELIZMENTE para nós já não se ama como no tempo dêsse pobre Torcato Tasso que, tendo cantado em versos imortais a libertação de Jerusalem que pouco lhe poderia interessar, levou o melhor do seu tempo a carpir as amarguras da sua alma escravizada à sua paixão pela duquesa Leonor de Este que não lhe dava confiança para tanto.

Tasso morreu no dia 25 de Abril de 1595 — faz agora trezentos e quarenta anos — balbuciando o nome da formosa ingrata que êle immortalizou em dezenas de apaixonados sonetos. A "branca flor de Ferrara," como o poeta lhe chamava, nunca se comoveu, embora se sentisse lisongeadíssima com a paixão que despertara no famoso vate.

Ora, Serassi, um dos biógrafos do Tasso, na intenção de não tocar nem ao de leve no pundonor da illustre duquesa, diz que em 1575 foi o poeta a Roma, a fim de aproveitar as indulgências do jubileu. "Esta viagem — diz o biógrafo — aumentou as suspeitas de querer o poeta aliançar-se com outra côrte, e daí procedeu os infortúnios dêle. De volta a Ferrara, o duque negou-se a recebê-lo em audiência. Desde então, tôdas as pessoas que dependiam da côrte o repeliam. Das promessas que o cardial Albano fizera, nenhuma foi cumprida.

Tasso, depois de sofrer por algum tempo tais afrontas, caído no desagrado do duque e da princesa, desamparado de amigos, insultado por inimigos, não se conteve mais nos limites da moderação, e desabafou em expressões injuriosas contra a casa de Este, maldizendo os serviços que lhe prestára, e bem assim desdizendo-se dos elogios poéticos ao príncipe e aos magnates, designando-os todos como uma corja de covardes, ingratos e devassos.

O resultado dêste descomedimento foi ser prêso e levado ao hospital de Santa Ana, onde ficou encerrado, como doido, num cubículo.

Em carta ao seu amigo Scipião Gonzagua, o poeta declara: "Ah! quão desgraçado sou! Era meu intento escrever, afora dois poemas épicos sôbre belísimos assuntos, quatro tragédias, cujo esboço tenho na mente; tinha delineado muitas obras em prosa sôbre elevadíssimos motivos, e de universal utilidade.

Queria eu combinar a filosofia e a eloquência, de sorte que o mundo guardasse uma lembrança imortal de mim. Ah! eu queria ilustrar e glorificar a minha vida; mas, agora, alquebrado sôb o pêso da desgraça, perdi tôda a esperança de conquistar um nome glorioso. O temor duma perpétua prisão aumenta a minha tristeza; redobram-na os ultrages que me fazem sofrer. Estão esquiladas as minhas barbas; cabelos e vestidos tudo em desalinho. Em verdade, se Aquela que tão mal correspondeu ao meu amor me visse em semelhante estado e em tamanha aflição, teria pena de mim!..."

Tempos depois, o prisioneiro voltava a escrever:

"Não me lastimo da imensa tristeza que me esmaga o coração, nem dos aturdimentos da cabeça, nem do desprêso em que são tidas as minhas súplicas e gemidos, nem da debilidade e magreza do meu corpo: leve é a lágrima que dou a



Torcato Tasso

tudo isto; mas o que me afflige é a enfermidade do meu espírito. Dorme e já não pensa a minha inteligência; a fantasia inerte já nada cria; os sentidos não me reproduzem as imagens dos objectos; recusa a mão escrever... Parece que os meus movimentos estão acorrentados, e sinto-me vergar debaixo desta pressão moral, que não sei descrever."

Em Julho de 1586, Tasso saíu da prisão onde estivera sete anos. Na intenção de receber a herança materna e abraçar ainda uma vez a sua irmã Cornélia, foi a Nápoles, onde foi recebido com relevantes mostras de admiração. Passando em Mola di Gaeta, recebeu ali a singular prova do entusiasmo que universalmente excitara o seu talento. Marco di Sciarra, famoso chefe de salteadores, mandou saudar o poeta, e ofereceu-lhe, não só livre passagem, mas uma escolta para acompanhá-lo, asseverando-lhe que, tanto êle como os da sua malta, teriam muito orgulho em servi-lo.

Afinal os bandedeiros manifestaram-lhe uma admiração que os da casa de Este nunca souberam render-lhe, a começar pela própria Leonor!

Chamado a Roma pelo papa Clemente VIII, que queria renovar, em favor do poeta, a cerimônia da coroação do Capitólio, Tasso faleceu na véspera da consagração que lhe estava destinada, murmurando qualquer coisa que Lord Byron interpretou assim:

*Leonor! êste será nosso destino:
Sempiterna união; mas... tarde unidos!*

Foi assim que viveu e morreu o grande poeta Torcato Tasso.

Leonor de Este



O IV centenário da morte de Correggio



Antonio Allegri, que se immortalizou sob o nome de Correggio

No dia 21 do corrente passa o quarto centenário da morte do grande pintor Correggio que mereceu a admiração do mundo inteiro.

Nessa mesma ocasião será celebrado o 2.688 aniversário da fundação de Roma.

O excelso artista, cujo verdadeiro nome foi António Allégri, seguiu ainda muito novo para a cidade de Parma, a fim de dar largas ao seu talento, embora tivesse como único mestre a inspiração do seu génio. Parma afigurava-se-lhe o meio próprio para ensaiar os seus vãos. Uma vez, após um longo êxtasi diante do quadro "Santa Cecília", de Rafael, exclamou: "Eu também sou pintor!"

E tratou de provar a sua orgulhosa afirmação.

Os oitenta e cinco prodigiosos trabalhos que deixou atestam eloqüentemente a razão do seu orgulho.

Rafael Sanzio teve sempre a protecção do Papa, e trabalhou rodeado de todas as comodidades. Outro tanto não sucedeu a António Correggio que viveu na maior miséria a curta existência de quarenta e cinco anos.

Foi êle o fundador da escola lombarda e a êle se devem as maravilhas do claro-escuro e da perspectiva.

Extremamente dedicado à sua família, não se decidiu nunca a sair da Lombardia, tendo-se limitado a pintar em Parma.

Era pobre e não sabia fazer-se pagar bem pelos seus trabalhos. Um seu biógrafo declarou que "se o pintor assim procedia, é porque êle próprio ignorava o valor das obras primas que pintava".

Não deve ser assim. Convem não esquecer que no começo da sua carreira, Correggio

"A descida da Cruz", quadro de Correggio

teve a famosa frase que citamos acima e que prova exuberantemente em que conta o pintor tinha o próprio talento para competir com Rafael Sanzio, seu contemporâneo.

E, em boa verdade, a "Madona de S. Jerónimo", o "Presépio nocturno", "A Natividade", o "Casamento de Santa Catarina", o "Noli me tangere!", "A descida da Cruz", e tôdas as Madonas que figuram hoje nos museus de Florença, Parma, Napoles, Modena, Milão, Pavia, Londres, Paris, Dresden, Estrasburgo, Budapeste, Viena e Madrid não ficam a dever nada ás maravilhas criadas pelo pincel prodigioso do artista da "Transfiguração".

Tambem êle foi pintor! Disso se orgulhou — e com justissima razão.

Parma, que o deixou morrer de fome, vai celebrar agora com toda a pompa o 4.º centenario do seu falecimento. E' esta a sina dos grandes genios!

A principal manifestação comemorativa consistirá numa grande exposição das obras do mestre, que se encontram espalhadas por tôda a Europa. Serão expostas, na sua maioria, com os frêscos que se conservam no Museu Real daquela cidade. Todos os museus italianos emprestarão as telas que possuem de Correggio, o mesmo fazendo vários museus estrangeiros. Esta exposição será enriquecida ainda com muitos esboços emprestados por coleccionadores particulares como Sir Robert White e mr. Kenneth Clark, director da Galeria Nacional de

Londres. Numa secção especial figurarão as obras dos discipulos de Correggio, principalmente as de Francesco Mazzola que mais se aproximou do mestre.

Em resumo: a memória do genial pintor vai receber a merecida consagração.

Embora tardiamente, a dívida ficará saldada, já que em vida do artista se fartaram de lhe pregar calote quando na casa dêste não havia pão para matar a fome aos filhos!

Conquanto trabalhasse por preços módicos, nem assim lhe pagavam as encomendas feitas. A decoração da igreja de S. João Evangelista em Parma absorveu-lhe dez anos de trabalho. Para conseguir receber o seu dinheiro, gastou meses e meses. Quando os devedores se decidiram a pagar, entregaram ao pintor uma quantia que não ia além de 40 liras. O pintor, que não tinha outros recursos para sustentar a sua família, limitou-se a aceitar a soma que lhe apresentavam em moedas de cobre, e correu para junto dos seus com essa espécie de tesouro!

Durante a viagem foi acometido duma febre maligna que o levou à sepultura.

Ao menos, o produto dos seus dez anos de trabalho serviram para pagar o entêrro.

Foi esta a sorte do pintor Correggio, como tem sido a sorte de tantos outros homens geniais que apenas mereceram os ultrages da ingratição.

Assim foi, e assim ha de continuar a ser até à consumação dos séculos...



Almas inquietas



O progresso é uma grande coisa, a civilização é outra grande coisa, mas ambos trouxeram consigo, com todo o seu confôrto e tôda a sua elegância, o vírus da ambição.

Dantes, nesses tempos longínquos da candeia e da mala-posta, gastavam-se dezenas de anos para ganhar uma guerra, e noites seguidas para deitar uns fundilhos nas calças dum meúdo, porque a mãi cabeceava na meia obscuridade que a cercava, sem atinar às vezes com o funda da agulha.

Não havia canhões de 75, nem máquinas de costura.

Os homens em litígio, para se matarem uns aos outros, sob a responsabilidade de ideais nem sempre virados pelo bom senso e pela justiça, palmilhavam léguas e léguas para travar a refrega, e entretanto a vida embalava-os com risinhas esperanças de vitória.

A costureirinha picava os dedos, mas cantava enquanto a agulha cosia e sentia melhor a vida.

E as almas estavam mais calmas, aspiravam menos, e sabiam esperar com mais confiança, pois que o andamento da existência era vagaroso e sereno.

Hoje em que se galgam distâncias, sulcando os ares, devorando estradas e atravessando as águas em aparelhos rivalizando dia a dia em "records," de velocidade, os espíritos, presos da mesma fúria de chegar depressa a todos os fins, atropelam o direito e forçam as portas do êxito com a chave falsa da cubiça desmedida, e não raro criminosa.

O soldado, com os progressos da ciên-

cia de matar, morre ou mata rapidamente, sem tempo para formar um projecto ou criar uma quimera.

A máquina veio substituir os braços, e o trabalho faz-se estupidamente, sem dar ocasião a um estribilho alegre, no meio do barulho infernal das engrenagens modernas.

E as almas sentem-se desnordeadas, inquietas, vendo a vida a fugir num rodopio constante de invejas, malquerenças e ódios de insatisfeitas ambições e comprimidas vaidades.

Não admira, pois, que desamparada, como barco sem leme num mar proceloso, a humanidade se agarre à tábua providencial da religião que pode levá-la a bom porto ou mantê-la ao de cima, enquanto a mão da sorte não se lhe estende piedosa.

A' gruta de Lourdes e à capelinha de Fátima correm todos os anos, em peregrinações piedosas, multidões de desiludidos dos recursos naturais e dos meios científicos de curar, implorando o mistério e o milagre para suas dores de alma e seus males corpóreos.

Mas já não lhe basta, à turba das pobres almas sem rumo, as fontes oficiais de misericórdia e amparo.

Não lhes chega a expansão anual de seus queixumes e o estendal periódico de suas misérias físicas.

E para atender solicitações insistentes de corações em mal de duvida, há já lá por fora sacerdotes que destinam um dia de oração para os doentes e aleijados.

E todos os que já de tudo descriam correm em massa a assistir a êsse officio admiravel que leva aos desesperados uma luzinha de paz.

Há pouco, numa cidade inglesa, houve um serviço religioso para alívio da humanidade enferma.

De longes terras vieram assistir os que ainda podiam ser transportados em carros ou macas ou amparados por mãos caridosas e aquele amontoado de misérias fazia lembrar o "páteo dos milagres," do famigerado romance de Vítor Hugo.

Os que não puderam levantar-se do seu leito de sofrimento mandaram cartas, implorando orações em seu favor.

E essas súplicas, contadas por centenas,

empilhavam-se em bandejas nas duas extremidades do altar.

Não houve súbitos milagres: o paráltico não se levantou pressuroso e o coxo não largou logo as muletas; mas a esperança brilhava nos olhos que até ali as lágrimas do desalento embaciavam.

A fé quer-se experimentada, insistente, e por isso uns meses depois eram recebidas, na igreja, cartas de agradecimento de curas, que iam desde a gota encarniçada ao cancro que médicos eminentes davam como incuráveis.

Mais tarde houve a cerimónia do agradecimento a Deus, onde foram lidas as cartas dos devotos reconhecidos.

Nos dois serviços, o da súplica e o da gratidão, os processos do sacerdote foram simplicísimos.

Não procurou armar ao efeito, nem forçar a crença de ninguém, nem arrebanhar novos crentes.

Pondo de parte o ritual, simplificou as suas preces, e, em vez de prègar um sermão do alto do púlpito, conversou com os fiéis, dos degraus do altar.

Pô-los em guarda contra falsas demonstrações de fé e não garantiu que a igreja tivesse a missão de curandeira.

Tudo dependia da sinceridade do sentimento piedoso de cada um, que podia dar à auto-sugestão uma fôrça miraculosa.

Grande ensinamento, êste!

Crer, mas crer absolutamente, sem reservas, sem a mais pequena hesitação ou dúvida a empanar a nossa confiança em Deus, é ainda o mais forte arrimo a que podemos encostar-nos, quando batidos pela desventura. Nem só de pão vive o homem, e a fé é o alimento das almas.

Na inquietação da vida contemporânea, em que interesses e ideais opostos se chocam e digladiam, a fé é mais necessária do que nunca. Fé num destino superior da pobre Humanidade que procura o seu norte, fé numa providência e misericórdia infinitas velando por todos nós.

A crença é, pois, o fanal que brilha nas trevas e que conduzirá o Mundo a porto de salvamento, quando à tormenta da crise actual suceder a desejada bonança.

Confiamos que assim sucederá. Porque a nossa fé não nos permite que admitamos a ideia de que a fé se possa perder.

Mercedes Blasco

Festas de caridade

RÉCITA POR AMADORES

Depois da Páscoa, deve-se realizar em uma das melhores casas de espectáculos, uma interessante recita de caridade, por distintos amadores, pertencentes à nossa primeira sociedade, a favor dos Leprosos Pobres, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte as seguintes: D. Ana da Câmara de Bragança, condessa de Avilez, D. Fernanda Mousinho de Albuquerque e viscondessa de Sá da Bandeira (D. Maria Francisca). O programa da recita é composto de recitações, bailados, coros, fados e da representação de uma tragi-comédia.

Diplomatas

O sr. Andrés Oldenburg, ministro da Dinamarca, em Portugal, ofereceu ultimamente dois banquetes, a que assistiram respectivamente os srs. ministro da Alemanha e esposa, Ministro da Argentina e esposa, secretário da embaixada de Espanha D. Carlos Martinez Orense e esposa, Eduardo Pinto Basto e esposa, Dr. José Franco Frazão (Penha Garcia) e esposa, Alberto Oulman e esposa, Andresen e esposa, ministro da Bélgica, ministro da Noruega, Encarregado dos Negócios da França e esposa, condes de Carrobio, Anselmo Pinto Basto e esposa, Mrs. Robinson, comandante Gáde, Mrs. Iselin e Wassard.

Salões

Organizado pela sr.^a condessa d'Hermezal, realizou-se na elegante residência da senhora de Rissetti, uma interessante festa, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, notando-se na assistência, além de grande número de famílias da nossa melhor sociedade, as principais figuras das colónias francesa e italiana em Lisboa.

A ilustre dona da casa teve ocasião de mais uma vez pôr em destaque as suas fidalgas qualidades de carácter.

Banquetes

Em honra dos srs. Ernest Mallet e Edmond Rimbart, regentes do Banco de França e administradores da Sociedade Portuguesa de Seguros, foi oferecido pelos administradores portugueses, da mesma sociedade, um banquete a que assistiram além dos homenageados as seguintes pessoas: engenheiro Rodrigo Peixoto, almirante Ivens Ferraz e esposa, dr. Ernesto Bastos e esposa, dr. José Francisco Correia de Lacerda da Costa Felix e esposa, António de Oliveira Belo, Charles Simulin e esposa, Octávio da Silva Leitão e Alves da Veiga.

— Festejando o aniversário natalício de sua irmã e cunhada a sr.^a D. Eunice Correia da Costa de Serpa Pinto, ofereceram um jantar íntimo a

VIDA
ELEGANTE

sr.^a D. Rosane de Serpa Pinto de Freitas e o sr. Luís de Lencastre de Freitas, tendo assistido a família e alguns amigos muito íntimos.

Almoços

O almirante sr. Augusto Osório, ofereceu um almoço íntimo ao sr. Barão d'Hybouvillle, illustre Encarregado dos Negócios de França, em Portugal, e a sua esposa.

— Um grupo de amigos, ofereceu um almoço de despedida ao illustre homem de letras e brilhante advogado espanhol sr. D. Livinio Stuych Candela, que durante alguns dias esteve de visita ao nosso país.

Casamentos

Na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, realizou-se, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Isabel Maria Afonso de Lancastre Freitas, gentil filha da sr.^a D. Isabel Afonso de Lancastre de Freitas e do sr. Jaime Marques de Freitas, já falecidos, com o sr. Eduardo Ahrens da Costa Novais, filho da sr.^a D. Ana Ahrens de Novais e do sr. Joaquim da Costa Novais.

Foram madrinhas as cunhadas da noiva sr.^a D. Maria da Nazaré Gorção Henriques de Freitas e D. Royah de Serpa Pinto de Freitas e padrinhos o pai e o irmão do noivo sr. Ricardo Ahrens da Costa Novais.

Celebrou o acto religioso o reverendo Manuel Pereira Grilo, de Matosinhos, amigo íntimo da família do noivo, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência do avô paterno da noiva sr. António Marques de Freitas, à rua Castilho, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para o estrangeiro.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— No Sanatório de Nossa Senhora de Fátima, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Luísa Gomes de Miranda, com o sr. Alfredo Vitorino Mendes, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Emília Gomes de Miranda da Câmara e Vasconcelos, irmã da noiva e D. Violante Carvalhal da França e de padrinhos os srs. Miguel da Câmara Portocarrero de Sousa e Vasconcelos (Alvaizere), cunhado da noiva e Florial Sanchez de Miranda.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos de automóvel para Madrid, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Com grande brilhantismo, realizou-se na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.^a D. Maria Luísa Perry Vidal Gaia, interessante filha da sr.^a D. Aida Santos Perry Vidal Gaia e do sr. Alvaro Gaia, já falecidos, com o sr. António de Paiva Raposo Férros, filho da sr.^a D. Olívia Paiva Raposo e do sr. António Joaquim Férros, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Beatriz Perry Vidal Gaia, irmã da noiva e D. Sofia Coimbra Férros tia paterna do noivo e de padrinhos os srs. Gustavo Gaia, tio paterno da noiva e António Joaquim Férros, tio paterno do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência do tio e padrinho da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para a praia de Santa Cruz, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paroquial de Benfica, o casamento da sr.^a D. Catarina Fernandes de Melo, gentil filha da sr.^a D. Candida Fernandes de Melo e do sr. João Luis de Melo, com o sr. Afonso Colaço Ribeiro, funcionário da Caixa Geral dos Depósitos, filho da sr.^a D. Alice Colaço Ribeiro e do sr. Manuel Ribeiro, funcionário superior do Banco de Portugal, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo prior da freguesia que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, na Amadora, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial dos Anjos, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Jacques Costa, interessante filha da sr.^a D. Amélia Jacques Costa e do sr. José Carlos Costa, com o sr. João Artur Alves de Montauray do Nascimento, filho da sr.^a D. Beatriz Alves de Montauray do Nascimento e do sr. Marco de Montauray do Nascimento.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Raquel Vicente Ferreira e de padrinhos o pai da noiva e o sr. António Vicente Ferreira.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Com a maior intimidade, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Ofélia Costa Gomes, filha do sr. Alfredo Faria Costa funcionário superior do Banco de Portugal e irmã do distinto cirurgião sr. dr. Amadeu Faria Costa, com o subdito alemão sr. Horst Schoendelib, tendo servido de padrinhos o pai e o irmão da noiva.

Após a cerimónia os noivos, que receberam grande número de valiosas prendas, seguiram para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

— A sr.^a D. Maria Luísa Cardoso de Meneses de Moraes, esposa do sr. Eurico de Carvalho Moraes, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— No Porto em casa de seus pais, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Berta Matilde de Magalhães Araujo, esposa, do sr. Ventura de Araujo. Mãe e filha estão felizmente bem.

— Na casa de Saúde das Amoreiras, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Germaine Mainzl da Cunha d'Eça, esposa do sr. João da Cunha d'Eça. Mãe e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Flóra Bastos de Mancelos, esposa do sr. Vasco de Mancelos. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

D. Nuno.

Um aspecto da assistência a recita de gala em que se fez a apresentação do filme «As pupilas do senhor reitor»





Manuel Dias, o mais destacado campeão do «cross» português, no ano em que se revelou ganhando para a estreia o campeonato de Lisboa

lega «Os Sports» — que instigam ódios e provocam dissensões deturpando a verdade, aumentando os incidentes, criando a desorientação e a anarquia.

É indispensável, — e a enérgica actuação dos dirigentes da F. P. F. A. foi um precioso balde de água no incendio das paixões — pôr termo em definitivo às manobras destes agentes da desordem, reintegrando o foot-ball na sua exacta missão de propaganda da ideia desportiva, nobre e educadora, pacífica e patriótica, despertadora de energias mas disciplinadora de sentimentos.

As massas desportistas do Porto e de Lisboa devem a si próprias, ao tradicional espírito hospitaleiro dos seus burgos, ás responsabilidades de centros civilizados, uma interpretação diferente do desejo legítimo de vencer; o triunfo não pode ser a finalidade única da prática desportiva, e menos ainda a vitória a todo o transe, apoiada numa intransigência de critério que conduz a tratar como inimigo todo aquele que não compartilha do mesmo ideal.

Não é nosso instinto constituir parte no processo, o qual analisamos apenas na ordem geral do seu significado, mas nem por isso nos esquivamos a certificar que os erros vêm de longe, todos da mesma proveniência, e a explosão de protesto que há semanas motivaram no campo das Amoreiras, teve apenas o símbolo duma compreensível retribuição, que felizmente ficou ainda muito aquém do que tem sido feito por aqueles que agora se arvoram em vítimas.

Com a corrida por estafetas de Cascais a Alcantara, encerrou a época atlética de inverno, que, para variar, não foi nem mais nem menos animada do que as precedentes.

QUINZENA DESPORTIVA

ta de inverno, que, para variar, não foi nem mais nem menos animada do que as precedentes.

A prova de encerramento, muito interessante na sua textura, não desmentiu as tradições de entusiasmo e animação popular, e a luta entre as melhores equipas do Sporting e do Bemfica foi emocionante até final. O Bemfica terminou com ligeira vantagem o primeiro percurso, foi no seguinte alcançado pelo rival, deixando nos dois immediatos distanciar o Sporting; mas, de Algés a Alcantara, Manuel Dias foi sempre recuperando terreno a Figueiredo e só muito perto da meta se reconheceu a inutilidade do seu esforço.

Um pormenor curioso: o Sporting classificou as suas equipas 1.^a e 3.^a, intercalando-se a do Bemfica, cujos componentes eram quatro antigos sportingistas e um único bemficense cem por cento.

Os onze «cross-country», da época, escalados segundo um critério de progressiva dificuldade, afirmaram com absoluta regularidade a classificação dos valores de que dispomos actualmente e que consideramos em ligeiro progresso sobre o passado.

Adelino Tavares foi o grande campeão invicto, no auge da forma, dando sempre uma impressionante sensação de facilidade, vencendo como e quando quis; é o digno sucessor de Manuel Dias cujo declínio se manifestou de maneira inofensiva.

Em segundo lugar merecem ser citados Joaquim Correia, o homem que surge, e António Marques, o homem que resuscitou; Correia, revelação do cross popular de 1934, impoz a sua classe de maneira esmagadora em todas as provas de juniores e só foi vencido por Tavares e Marques, que, após três anos de absten-

ção em provas do género, teve este ano a melhor época da sua carreira desportiva.

O Sporting foi, de longe, o mais forte núcleo clubista; campeão de Portugal e de Lisboa nas duas categorias, vencedor de Cascais-Lisboa, do cross por equipas de 10 e do Grande Prémio, só não logrou classificar-se no Cross Handicap por falta dum elemento cuja desistência inutilizou o esforço valoroso dos restantes corredores.

Vinte e quatro anos vão passados desde a data em que foi organizada em Lisboa, nos terrenos do Lumiar que ainda hoje são preferidos, a primeira corrida através do campo, e é triste verificar que o progresso da especialidade não alcançou importância apreciável. Corre-se talvez melhor duma maneira geral e os azes actuais são em valor absoluto superiores aos azes de antanho, mas o número de participantes mantem-se equivalente e apenas os Cross Populares reuniram falange abundante, que nos deixa saudosos do que poderia ser o «cross» português se todos os clubs da especialidade se interessassem por êle.

A prova que este ano reuniu maior número de participantes, foi o «Cross por equipas de 10», no qual, alinharam 36 homens.

Ora em 7 de Maio de 1911, o primeiro «cross» organizado por iniciativa da Liga Sportiva de Trabalhos Atlético, reuniu num percurso de cinco quilómetros, 48 concorrentes, dos quais apenas um não concluiu a corrida.

Recordando esse acontecimento, que marca uma data na história do atletismo nacional, parece-nos curioso reproduzir um período da análise publicada por «Os Sports Ilustrados», o melhor jornal desportivo contemporâneo.

«Era surpreendente — diz o referido semanário — o efeito produzido por esse punhado de «sportsmen», que, sem um desfalecimento, com uma força de vontade e uma energia que só o português sabe ter, ora saltando um obstáculo, escarpando um monte, atravessando um

A equipa do Sporting que venceu na estafeta por equipes Cascais-Lisboa



campo de piso irregular ou lançando-se a toda a velocidade por uma encosta abaixo, corriam sempre no desejo de alcançar e rem uma boa colocação ou um bom lugar na classificação final».

O vencedor foi o desditoso Francisco Lazaro, correndo pelo Bemfica, gastando 20 m. 25 s. e precedendo de cinquenta metros o seu companheiro de club, Augusto Fernandes.

A classificação colectiva deu origem a grande surpresa, pois devido à desclassificação de dois bemfenses e um sportingista, o Império alcançou o triunfo.

Nesta prova participaram corredores que depois ganharam celebridade em especialidade atlética diferente, como, por exemplo: Felix Bermudes, do Bemfica (19^o); Plácido Duro (33^o) e Armando Cortesão (10^o), ambos do Internacional; o sprinter bemficense Germano de Vasconcelos (11^o), o corredor de barreiras Gabriel Ribeiro, do Sporting, 9^o; o atirador António Montez (27^o) que representou o Ateneu, o posterior recordman dos 400 m., Francisco Rocha (37) e Salazar Carreira que correu pelo Ginásio e cortou a meta em 13.^o lugar.

O êxito alcançado por este «cross» que poderemos considerar o primeiro campeonato nacional, levou o Comité Olímpico a incluir no programa dos seguintes Jogos Olímpicos Nacionais, uma corrida do género. Disputada em data imprópria, 2 de Junho de 1912, ficou longe da antecessora, inscrevendo-se apenas três grupos, na totalidade de 19 concorrentes.

Venceram Matias de Carvalho e o Sporting. Nos anos seguintes o interesse pelo «cross», decresceu sempre, ao ponto do campeonato de 1914 alinhar apenas nove homens, dos quais ainda só quatro concluíram o percurso.

A guerra chegou, então, e a mocidade portuguesa foi levada a outros campos de «cross». Durante este período duas corridas, de organização particular, se efectuaram nos arredores de Lisboa: uma no Estoril, outra na Amadora, triunfando respectivamente Feliciano Gonçalves na primeira e Ceclílio Costa na segunda.

O início da época contemporânea, a fixar em 1922, manifestou-se simultaneamente nos dois centros atléticos do país, Lisboa e Porto, num e noutro por iniciativa de jornais desportivos.

O primeiro «cross» portuense foi organizado em 18 de Dezembro de 1921 pela revista «Sporting» e reuniu 66 concorrentes num percurso de 6.500 metros. Chegaram à meta 58 dos participantes, vencendo Pinto Soares (Nun'Alvares) em 28 m., seguido por Roldão Pereira (F. C. P.).

Na capital coube a primazia a «Os Sports», em 5 de Março, reunindo 26 homens num percurso de 7 quilómetros; triunfou Ceclílio Costa, procedendo Albano Martins e Abílio Nascimento.

A época fechou com a disputa do 1^o Campeonato Nacional, reservado às seleções regionais e no qual venceram o portuense Mário d'Assunção e a equipa lisboeta.

De então para cá disputaram-se em Lisboa mais 64 provas de «cross», sendo 40 para «seniors», 13 para «juniors», 3 para principiantes, 4 populares, 3 escolares e 1 por estafetas.

Manuel Dias é o campeão máximo, tendo alcançado nas provas da sua categoria 27 primeiros lugares, absolutamente invencível no país desde 1927 a 1935; durante este período a sua única derrota proveio de Adelino Tavares, no «cross», Lisboa-Galiza organizado em Vigo. Este ano, Manuel Dias foi batido quatro vezes, uma por Adelino Tavares e outra por António Marques.

O «cross» popular de 1932 foi a prova mais concorrida do último português, pois reuniu mais de 500 corredores

Salazar Carreira.

O campeonato de football da liga, que começará e decorrerá sob os melhores auspícios desencadeando uma tempestade de rivalidades mal compreendidas na qual ia sossobrando não só o regular prosseguimento da prova como até o significação social de harmonia e paz que anda directamente ligado à propaganda e prática do desporto.

Excessos de baurrismo sempre condenáveis, influências perniciosas exercidas por quem tinha o dever profissional de orientar e moderar paixões, um incidente méramente técnico e regulamentar resolvido em obediência à justiça e à lei, foram os focos donde nasceu o ciclone que arrastou num turbilhão de desvaio as populações desportivas do Porto e de Lisboa pondo em risco, numa proporção alarmante, a boa amizade que deve existir «entre os dois principais centros do país».

Quem observe estes incidentes, com absoluta imparcialidade, afastado como nós dos organismos voluntária ou involuntariamente interessados, não pode culpar o público, actor principal mas eterna criança arrastada pelos falsos mentores, nem tão pouco temeu pelas consequências futuras do incidente. Tudo se ha-de arrumar no melhor sentido e talvez o mal possa vir a ser vantajoso pelos ensinamentos prestados.

As origens da viabilidade de exageros desta ordem, são duas: a complacência, quando não o fomento, dos dirigentes de certos grupos desportivos, pelos adeptos intolerantes e de exuberância desmedida, e a atitude inclassificável daqueles jornalistas «de caneta de ponta e mola», — na frase pitoresca mas acertada do nosso co-

O sportingista Fonseca a passagem pelo Monte Estoril, seguido por numerosos entusiastas



COM a morte de D. Ana de Castro Osório perderam as letras portuguesas uma das escritoras que mais brilho lhe deram e a Pátria um dos corações que mais fortemente por ela tem pulsado.

De alma forte e energia viril, mas de coração profundamente feminino, esta senhora, que tão senhora era dentro da sua casa, tão mulher que ninguém lá entrava que a não encontrasse nos momentos em que não escrevia, entretendo as suas mãos patricias, mãos duma invulgar beleza, em labores femininos, delicados, dêsses em que a mulher que sabe sê-lo, põe um pouco de arte e tôda a sua graça.

Espôsa duma exemplar dedicação tendo até ao fim tratado com o maior carinho o marido, que vitimado por uma doença contagiosa, ela soube iludir com o perigo da própria saúde. Mãe que mais do que nenhuma tudo sacrificava a seus filhos, ela teve um amor maior ainda, o amor a Portugal. O seu patriotismo levou-a ainda muito nova e numa época em que as senhoras da sua gerarquia se não interessavam pela política, a abraçar o ideal republicano, tão em desarmonia com as tradições familiares. Mas ela que achava que o país não prosperava, queria outra coisa, que o engrandecesse porque acima de reis, ela via a Pátria.

Esse ideal realizado trouxe-lhe muitas e amargas desilusões, mas a sua esperança era firme, e, nunca desesperava de ver o país, ressurgir do caos em que a má administração o precipitava.

O Império Colonial foi sempre o seu sonho e com que alegria ela via a política dos dirigentes orientar-se nesse princípio, que ela com o seu lúcido espírito bem reconhecia que era a maneira de colocar Portugal ao lado dos maiores países da Europa.

Nada a irritava mais do que ouvir dizer que o nosso país era pequeno. "Portugal é maior do que todos porque se espalha pelo mundo inteiro," era a frase orgulhosa do seu exaltado patriotismo.

A sua ternura pelas crianças igualava o seu amor à Pátria. É que via nelas o futuro da raça, essa raça que ela queria superior a tôdas, levando o nome de Portugal por êsse mundo fora num grito de triunfo.

Quando da guerra fundou a Comissão "Pela Pátria," com outras senhoras suas amigas, para levar aos nossos soldados, agasalhos, fruto do trabalho da mulher portuguesa e o conforto dum amparo moral. Quando em 1914 as nossas tropas

partiram para a África começou a germinar nela a ideia duma grande associação que protegesse o soldado e fôsse uma obra social, e em 1916 com D. Elvira Machado e o patrocínio do govêrno de então, foi fundada a "Cruzada das Mulheres Portuguesas," a que deu o melhor do seu esforço.

Como literata deixou uma obra de altíssimo valor. Muito nova ainda o seu

Como romancista deixou-nos obras encantadoras. O seu primeiro romance "Ambições," é um dos melhores romances que focam a vida provinciana e os seus livros de contos "Quatro Novelas," e "Infelizes," marcam desde a sua juventude o que seria o seu grande espírito. "Mundo Novo," é um romance em que o Brasil e Portugal são unidos num grande carinho. "A Capela de Rosas," é um hino à vida da Beira, a província onde nasceu e viveu até aos 21 anos.

Deixa completos alguns romances muito interessantes, que serão publicados por seus filhos os escritores dr. João de Castro Osório e José Osório de Oliveira.

Na sua vida de família era encantadora. Esposa e mãe dedicada, era extremosíssima pelos seus netos.

Feminista convicta lutou muito pela conquista dos direitos da mulher. Mas queria que a mulher conquistando êsses direitos não perdesse a sua feminilidade, a sua graça e sobretudo, que fôsse sempre a esposa e a mãe.

Folgando todos pela sua infatigável actividade, necessitando apenas de algumas horas de sono, dizia sempre: "Há tempo para tudo, a mulher pode governar a sua casa, ocupar-se de seus filhos e fazer ainda qualquer coisa de útil. A ociosidade em que a maioria vive é que lhe faz mal."

Nesse sentido orientou os seus estudos nas indústrias caseiras femininas, valendo-lhe o maior interêsse a sericultura e a apicultura.

A ociosidade aterrava-a, e, tôda a mulher que quisesse trabalhar encontrava nela uma dedicada auxiliar.

No seu pequeno escritório do Arco do Limoeiro em frente da janela sôbre o Tejo sempre junta à mesa do trabalho todos recebia com um doce sorriso e com a fidalga franqueza de beiroa.

Na sua casa pobres e ricos encontravam o melhor acolhimento que vem do coração e que entenece a quem o recebe.

E não se poupava a trabalhos para minorar as desgraças que a ela recorriam, perdendo horas do seu precioso tempo.

Todos aqueles que tiveram a felicidade de conviver com o seu espírito superior, hão-de lembrar sempre com a maior bondade as horas de conversa interessantíssima, os momentos de intelectual satisfação que naquele pequeno gabinete de trabalho passaram, e, não esquecerão nunca o sorriso com que era acolhida a sua entrada.

Maria de Eça.

UMA MULHER PORTUGUESA



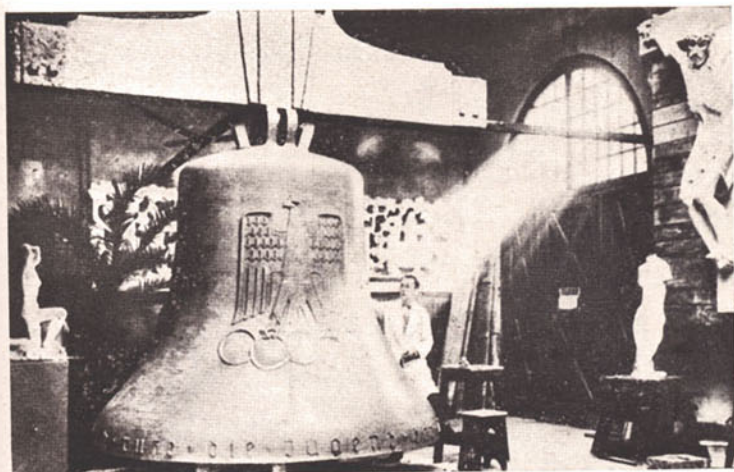
espírito preocupou-se com a falta de leitura em português, para as crianças da nossa terra e essa ideia sugeriu-lhe o aplicar uma feição literária, aos contos do nosso folclore e publica-los em fascículos por assinatura mensal. Foi um triunfo — tôdas as crianças queriam ler êsses contos tão portugueses e tão ao seu alcance e sucessivas gerações se deliciaram com a sua leitura. As crianças da minha época deveram-lhe as maiores alegrias e talvez muitas o desenvolvimento do interêsse literário, que mais tarde tiveram.

Um ilustre diplomata ao ser-lhe apresentado disse-lhe: "Minha senhora, eu sou dos do tempo do "Homem da Moca". E não havia para ela maior alegria do que encontrar as suas antigas leitoras, os seus filhos espirituais, como lhes chamava.

A sua obra social é também vastíssima e muitos dos seus livros educativos estão aprovados nas escolas de Portugal e do Brasil, onde era estimada e querida como uma compatriota, por todos os que com o seu fino espírito conviveram nas suas visitas a êsse país.

POR ÊSSE MUNDO...

O sino das Olimpíadas



A inauguração dos Jogos Olímpicos de Berlim, que se realizarão em 1936, será assinalada pelo repicar deste sino que foi especialmente fundido para esse fim. A gravura mostra o escultor Franz Lemcke retocando o seu trabalho. O sino pesa cerca de dez toneladas e tem em redor uma inscrição em que se lê: «Chamo a mocidade da Terra».

Morte dum paraquedista



JOHN TRANUM, audacioso paraquedista dinamarquês, que faleceu durante uma ascensão em aeroplano. Tranum celebrou-se em 1933 para fazer uma queda de mais de cinco mil metros antes de abrir o paraquedas. Na viagem que lhe foi fatal propunha-se melhorar esse resultado e bater o «record» mundial.

«Record» de crimes



IVAN MIHAILOV, chefe de malfeteiros que se intitulava rei da Macedónia, é acusado de ter cometido 4.000 assassinios, pelo que foi condenado à morte. Eis um «record» pouco vulgar.

O perigo das avalanches



A neve continúa a fazer vítimas entre a mocidade ardente que nela procura um dos mais salutaros desportos. Ultimamente, uma avalanche colheu no Tirol austriaco treze rapazes, dos quais nove morreram. A fotografia mostra a condução sobre trenós dos cadáveres dos infelizes jovens. Mas apesar destas catástrofes o entusiasmo pelos desportos de inverno não esmorece.

O homem-pássaro



USANDO esta indumentária, um audacioso paraquedista norte-americano conseguiu voar durante algum tempo, reproduzindo os movimentos das aves e servindo-se dum paraquedas para descer.



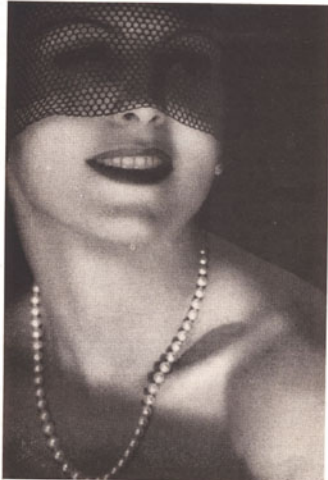
O casamento de Göring

REALIZOU-SE no dia 10 do corrente, o casamento de Göring, ministro da Guerra do Reich e último colaborador de Hitler, com a atriz alemã Emmy Sonnemann. A gravura da direita mostra o discutido estadista em companhia da sua noiva.

O fim dum bandido corso



ANDRÉ SPADA, famigerado bandido da Corsega, compareceu no mês findo perante o tribunal de Bastia. Acusado de diversos assassinios foi condenado à morte. Spada após a prisão simulou estar possuído da mania religiosa, mas os médicos legistas foram de opinião que ele era completamente responsável.



"toilette, e não às ruas a noite, de verdadeiro 'cabô', os rapazes em por devoção vultosa por curiosidade e para admirar as graciosas meninas aglomeram-se à porta dos templos e Chão abalo.

Nas confraternizações de lenção o respeito das andadas porquê quem é que nos para casa nesse dia sem o seu paletó de andadas? É um dia verdadeiramente excepcional em Lisboa o de Quinta-feira Maior.

Se que a Festa-feira com a sua lúgubre comemoração e toda a cidade toma um aspecto triste. Sábado de Al-luia traz de novo a alegria que Domingo de Páscoa manda.

Mas a Páscoa não é a festa de Lisboa. Quem quer um lindo dia de Páscoa irá às nossas aldeias vizinhas.

No Minho tradicionalmente andam a visita da Cruz e como é lindo esse gesto do Senhor Crucificado, que nesse dia visita, os que logo o ano o veneram.

Pelos caminhos da aldeia em que a visita corre a rebenfite, através de campos floridos, vai o prior conduzindo o Senhor Crucificado debaixo de umbeia, acompanhado do sacerdote que conduz a água benta e a campanilha com que anuncia a aproximação da visita da Rei dos reis.

Em todas as iritações e todas as choupanças entra o Senhor, todas são abençoadas e em todas elas se faz uma limpeza completa, para depois condignamente a visita de Deus, e sobre a toalha alba de neve estão as oferendas com que se obsequia o Senhor visitante desajado e que podem muitas vezes ser apenas uma ovelha, mas que se aceita por Deus melhor, que os mais ricos jolares dos favorecidos da fortuna.

É não há Páscoa mais linda em parte alguma, do que a devoção a Santa Páscoa, das aldeias do nosso Minho, essa Páscoa em que simas panfadas caem rebem com simplicidade e devoção a visita de Deus.

É como é bonito ao cair da tarde por essas lindas caminhas da aldeia e regresso de São João à Igreja, calada e branca por essas caminhas floridas na paz suave do pôr do Sol, depois de ter visitado todas e de ter recebido as bênçãos de todo o povo da sua paróquia. Não há Páscoa mais bela do que a do Minho a linda e tradicional província de Portugal.

Maria de Eça.

A Moda

Nas primeiras seja qual for a temperatura é aconselhável que se vá sempre com um leve alafio. O dia quente, refresca quando chega a tarde, e se levanta vivo; é sempre necessário um leve alafio. Os vestidos excessivamente fres-

PÁGINAS FEMININAS

cos não se podem ainda usar e as imprudentes muitas vezes sofrem as consequências da sua «coquetuerie».

Damos hoje um lindo modelo de stilette-de-primavera e que tem a grande vantagem de ser muito prático. Em «crêpe de China impalpavelmente azul escuro e descolado em shéje», o vestido dá uma grande simplicidade de corte e acompanhado dum casaco em filê ebejeio forrado do mesmo tecido do vestido. Modesto e gracioso este casaco é confortável sem ser pesado. O chapéu é em seda beje. Tem a certeza que as nossas leitoras que apreciam a simplicidade vão gostar muito deste conjunto usado pela linda estrela Marion Davies.

O outro vestido é também dum elegância sem complicações. Em filê castanho, é liso, e apenas guarnecido por um grosso cordão dourado que forma cinto e gola com um laço que termina por duas borlas de algodão desfilado. O chapéu no mesmo tecido é guarnecido por uma graciosa pena. Sylvia Sidney que o usa irá invejar a sua com a mais graca bête vestida.

Para casa um elegante pijama feito de malha do que um elegante pijama dessem que as elegantes estão adoptando com o maior entusiasmo, mas como as malhas ainda estão frescas, nada mais reconhecível do que o gracioso «Nugliis Wrapper» em veludo branco-toilette guarnecido a «Marabou». Uma graciosa «toilette» para quem será apreciada pelas mulheres que são elegantes em sua casa.

E a vez depois de ter desaparecido um ano começa a fazer uma tímida aparição, qual como

uma garnição de chaqué, depois pouco a pouco fomos acostumando o seu uso e hoje «vamos protegendo os cabelos. Agora já não se podemos chamar leve».

Uma linda parisienne aparece com um véu da grossura tão preto «vendo-lhe os olhos. Ao contrário das turcas, que tapavam a parte inferior do rosto deixando os olhos a descoberto esta linda mulher, esconde os olhos que se enveredam bonas e chama toda a atenção para a sua boca fresca e guarnecida de deslustrantes dentes.

O que a «coquetuerie» da mulher vai descobrir é o segredo das suas senhoras que estão seguras da beleza da sua boca vão adoptar com entusiasmo o uso do posado véu de tal prezo frasco.

Higiene e beleza

As peles superficiais causam sempre um grande despeço às senhoras, sobretudo o boço do freio da mulher moderna e estas fezes nos braços e nas pernas, que as muitas transparentes tão mal cobrem e deixam ver.

O melhor tratamento para este mal é sem dúvida a electricidade, mas a maioria das senhoras que vivem em terras de provincia onde não é fácil fazer este tratamento. Há a venda de muitos depilatórios, mas não carem uma e outra não inspiram confiança. Por esse motivo, damos a seguinte dica de quem não se quer depilar, que podem fazer em sua casa.

Sulfuro de cálcio ao 2 gr. Glicerato de amido no 2 gr. Óxido de zinco 2 gr. Essência de violeta 5 gotas. Este pó amassa-se com um pouco de água e estende-se sobre os pilos com uma espátula, deixando ficar um minuto ainda que se faça uma impressão castanha. Para remover dá-se água morna a parte onde esteve a aplicação e a fim de a iritação produzida aplicando um pouco de pomada de óxido de zinco. Fazendo isto todos os meses os pilos acalmam por completo.

A mulher e o cabelo

É um muito discutido em tempo qual o motivo porque a mulher corta o cabelo. As opiniões chocam-se. Mas em geral, sobretudo a opinião feminina, era que a mulher cortava o cabelo, porque queria assim afirmar a sua independência e a sua direcção.

E cabeças havia que de longe se não sabia se eram femininas ou masculinas, mas depois pouco a pouco os anos foram passando, e a mulher cortava o cabelo e despendendo a curiosidade começou a usar caracóis a deixar crescer pouco a pouco o cabelo e hoje já se vêem os cabelos compridos.

Mas do que nunca a mulher afirma a sua independência e em quasi todos os países a mulher é eleitora e elegível, está estendendo a par dos rapazes é médica, advogada e até piúna no mundo do comércio. A curiosidade começa a usar caracóis, andam-se em graciosas caracóis, tufam-se em ondas graciosas dispostas, e a mulher sente-se feliz com o seu novo penteado e declara-se mais comoda, como em tempos proclamava que o era a cabeça à Jolubiano.

Quer esta reviravolta dizer que a mulher se sente segura dos direitos adquiridos e não teme

mostrar-se verdadeiramente feminina! Não o creio. A mulher corta o cabelo porque quer uma novidade e como se principia raro era o homem que aprovava o cabelo cortado. Manteve-o por espírito de contradição.

Hoje que está ceite por todas sem discussão já não vale a pena tentar e a mulher volta ao cabelo comprido que já não a vaidade e ao seu desejo de variar uma maior alidade. E não há que discutir. Hoje é melhor o cabelo comprido, mas que não é mais moda o cabelo cortado todas as senhoras em que não há pretado mais comodo.

Receitas de cozinha

Receita: É este um prato muito apreciado em Itália. Para 30 raves: 1° Passam-se na máquina os picum-se muito finamente 200 gramas

mente as bordas, dóla-se a massa como se fosse para uma torta. 3° Deitam-se as raves de uma maneira de água. 4° Deitam-se com sal; deixa-se ferver durante dez minutos; escorem-se sobre um pano.

Num pinto cozido, barrado com manteiga, dispõem-se os raves às camadas e salpõem-se com queijo ralado, regando com o molho da carne assada.

Molho de gratão: Faz-se um purê de alabara no qual se acrescenta 1/2 Onças de raves, em bastante quantidade e duas gemas de ovos. Enche-se um prato de ferro com este purê, polvilha-se com pão ralado e manteiga derretida. Vai ao forno a cozer.

De mulher para mulher

Jovencito: Nada há de mais fácil do que tingir para qualquer côr e não compeendo porque é que a sua amiga fu segredo. Qualquer pacote de tinta própria para esse effeito ensina. Põe-se o que se quer tingir e comprase a porção de pacotes necessária. Lava-se muito bem e se seguinte pôde se ferver com sal bastante. Logo água até não largar tinta; é bem fácil.

Galy: Um «tailleur» é sempre uma «toilette» de primavera e todo o que há de mais pratica. Há alguns tão bonitos estes ocos, ao acho que teve esta ideia felicissima. Faça o chapéu em lã. Não use na boca esse «botão» tão vivo. Seu marido tem razão! é feio.

Paralito: Tome uma professora e a melhor maneira de aprender corretamente o português. Quando quer escrever: pode fazer-lo em italiano, mas se preferir escrever em português não se preocupem com os erros. Compreendam muito bem a sua casta. Lida e «Galede» e as serras de Eça de Queiroz.

Pensamentos

Todos os mulhetes que amam se parecem, e todas as mulheres que mentem, mentem da mesma maneira. — **Júlio Dantas.**

Pela avidez com que se as mulheres e pela negligencia conservam-se — **Doutyerr.**

O homem deve contentar-se com a mulher que merece e vice versa. — **O Fenilist.**

A palavra *prívida* é, depois da de *cruel*, a mais doce aos ouvidos duma mulher. — **Laclos.**



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha.

IMPRESA

O *Charadista* — de Lisboa. Mais um número — o 61 — desta esplêndida e única revista charadística portuguesa — órgão e propriedade da Tertúlia Edípica — acaba de ser dado à estampa, dedicado à 3.^a etapa do *Concurso Internacional do Charadismo*.

São 332 artigos charadísticos oferecidos à guiloseima dos bons decifreadores, que, estamos certos, para conseguirem a sua derrota, muito e muito terão de trabalhar. Após umas curtas férias vão os dicionários e a argúcia dos combatentes entrar em rude e laboriosa tarefa.

Que os esforços de todos conjugados sirvam para dar ao charadismo luso, nesta etapa mais a vencer, a honra dos maiores triunfos são os nossos ardentes desejos.

Gazeta — de Ponta Delgada. Com regularidade temos continuado a receber a visita deste semanário micaelense, que insere a sua habitual secção charadística *Edipismo*.

Jornal de Moura. — Também temos recebido normalmente a visita deste semanário regionalista, cuja secção charadística — *Charadas* — se apresenta, como sempre, óptimamente colaborada.

A todos, os nossos agradecimentos.

CORREIO

Varo-Dino — Beja. Como não dispomos de tempo bastante para tratar de todos os assuntos prontamente, e porque as indicações que nos dá são um tanto vagas, logo que nos seja possível consultaremos a colecção do *Magazine* e oportunamente lhe escreveremos a dar conta do que conseguimos apurar.

Piolim — Lisboa. Achamos bem que procure colocar-se à altura dos charadistas de nome. Ainda neste número, para lhe provarmos a consideração que nos merecem os novos, publicaremos uma das charadas que nos enviou. Rogamos a continuação e, se possível, a remessa de listas de decifrações.

APURAMENTOS

N.º 23

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAGALA
N.º 19

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 32

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA
N.º 25

OUTRAS DISTINÇÕES

Vitorino, n.º 16; Micles de Tricles, n.º 30; Olho de Lince, n.º 27

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifreadores da totalidade — 30 pontos:
Frá-Diávolo, Cantente & C. ^a , Gigantezinho, José da Cunha, Só Lemos

QUADRO DE MÉRITO

Fan-Fan, 19. — Alfa-Romeo, 29. — Ti-Beado, 29. — Lamas & Silva, 24. — Sonhador, 18. — So-Na-Fer, 16. — João Tavares Pereira, 16.
--

OUTROS DECIFRADORES

Salustiano, 13. — Rei-Luso, 13. — Dona Dina, 10. — Aldeão, 10. — Lisbon Syl, 10

DECIFRAÇÕES

1 — Mimo-mosa-mimosa. 2 — Bote telha-bote-lha. 3 — Cara-rabo-carabo. 4 — Safado. 5 — Chama. 6 — Peribolo. 7 — Dura-sempre. 8 — Lerdo. 9 — Cenoso. 10 — Dote. 11 — Padre-mestre. 12 — Sobreanca. 13 — Rasmamento. 14 — Taramela. 15 — Cisco. 16 — Generoso. 17 — Mínimo-mimo. 18 — Ciciar-ciar. 19 — *Cadoia-cava*. 20 — Carava-cava. 21 — Telhiçe-teçe. 22 — Zorate-zote. 23 — Adusta ata. 24 — Torenatona. 25 — Diana. 26 — Negócio. 27 — De profundis. 28 — Reveria. 29 — Ai. 30 — Palavra puxa palavra.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Agarrei o pássaro de Angola pela cauda e guardei-o na algibeira. (2 2) 3.

Lisboa *Piolim*

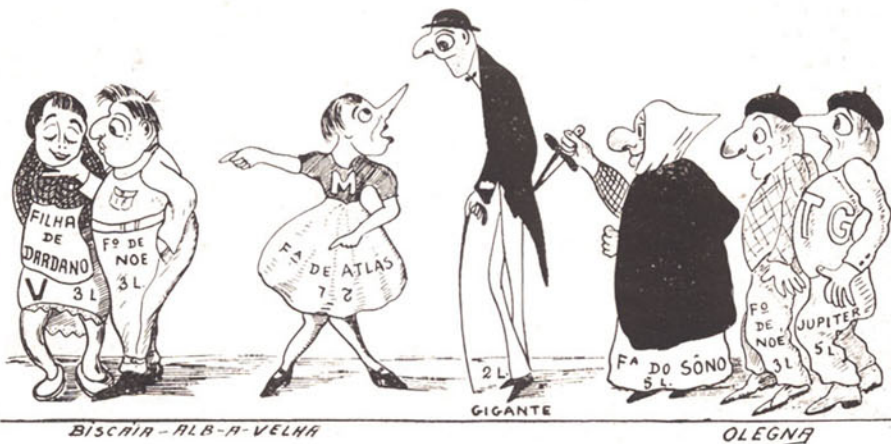
2) Engano sem intenção. Sou um inocente. (2-2) 3.

Lisboa *Só Darco Júnior*

TRABALHOS DESENHADOS

ENIGMA FIGURADO

12)



3) Combina qualquer dia para a tua estada em Lisboa. (2-2) 3.

Lisboa *So-Na-Fer*

4) O que mais me magoa é o que vai atrás* do esquiife. (2-2) 3.

Lisboa *Sonhador*

5) Aquele que fizer um cálculo de cabeça e errar arrisca-se a apanhar uma sova. (2-2) 3.

Luanda *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

6) O povo corre a presenciar a «condenação» em tropel. 2-2.

Lisboa *Aníbal Ortiz Martins*

7) Extingue os insectos parasitas com o dedo polegar 2-2.

Coimbra *Avlis Yur (C. C. C.)*

8) Apre! De modo nenhum me podes dar o empurrão. 2-1.

Coimbra *Bibé (C. C. C.)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

9) Eu se vivo e tenho onde Arranjar o meu sustento, Conheci primeiro a estrada Do infortúnio e azar. Muito tempo andei privado Desta ventura almejada.

Lisboa *Léias (T. E.)*

LOGOGRIFO

Cartas ao amigo José Madraço, a propósito do novo horário do trabalho

II

10) Meu amigo! Estou a ver Que não aqueço o lugar!... P'lo modo de proceder — 4, 6, 2, 8. Do «tipo», quer-me «*tramar*» — 1, 9, 10, 5. Cumpra, embora o meu dever, Sempre acha que censurar!

Até quer que ande a «vapor!» Disse-me hoje: «Ó só Madraço», «Anda tão devagarinho?!» «Você não tem outro passo?!» «Tenho outro, sim, senhor. «Mas 'inda é mais miúdinho...»

«Então vá nesse...» Obrigado! Bem te conheço, «Espertezza!...» Fecha a porta p'ra almoçar, De modo que um empregado — 3, 4, 7, 10. (Para fugir á despesa) — 10, 3, 4, 8. Dispensa-o... para poupar. Condenável avareza!

Pela cópia

Braz Cadunha

METAGRAMA

11) A Rita, O meu amor, Surgiu-me tão catita, A face de rubor, Que não mais resisti Pois mal a vi — Como o destino é fatal! — Muito alegre e sorridente, Fiquei tão contente, Que lhe dei um beijo colossal, E dos braços fiz prisão, Apertando-a contra o coração... Porém, da Rita o pai feroz, Um bruto refilão, Fazendo ouvir a sua voz, O encanto fez cessar Daquele amplexo sem par...

Aqui para nós, à pureidade, Do médo foi tal a sensação, Que não tive «*margin*», nem capacidade, Para erguer os pés do chão... (4-5)

Lisboa *Eu & Outro*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VARIEDADES CINEMATOGRAFICAS

Está quasi completo um novo filme de Charlot que é designado por «Produção n.º 5». Convém acentuar que não se trata dum titulo. Esse ainda não está fixado. Dezenas dêles têm sido sugeridos, mas nenhum mereceu ainda a Charlot a aprovação definitiva.

É voz corrente que o famoso cómico empregou já nesta produção 250.000 libras da sua fortuna pessoal. As raras pessoas que têm sido admitidas no estúdio dão crédito a essas notícias, porque a grandiosidade das construções justifica um grande dispêndio de dinheiro. Uma das construções, em especial, reproduz o interior duma grande fábrica com todas as suas complicadas maquinarias. Tem dezenas de metros de extensão e alguns andares de altura. Ai decorrem algumas das cenas principais da «Produção n.º 5», que se supõe ser uma sátira à moderna civilização mecânica, em que a máquina ameaça aniquilar o homem. Escusado se torna dizer a que imprevistos incidentes Charlot se sujeita no meio de toda esta enorme maquinaria.

Harry Lachman reuniu um notável grupo de artistas para interpretarem o seu novo filme «O Inferno» segundo o poema imortal de Dante. Figuram à cabeça da distribuição Spencer Tracy e Claire Trevor.

Ver-se-ão neste filme dois gémeos que se consideram os mais parecidos do Mundo. O próprio pai, que é electricista do estúdio, é incapaz de os distinguir um do outro.

«O Inferno» apresenta-se como uma produção ambiciosa que se propõe extrair do tema efeitos inéditos e sensacionais.

Os amadores de cinema desportivo devem receber com júbilo a notícia de que Jean Tarride está trabalhando num filme que se intitula «Vel'd'Hiv'». Como o titulo faz prever toda a acção se passa no famoso velodromo parisiense

onde se realizar a «corrida dos seis dias».

A protagonista será Alice Field, Albert Prejean e o cantor Perchicot interpretarão o papel de dois corredores ciclistas.

As ilhas do sul do Pacifico, que já serviram de cenário a diversos filmes como «Tabu» e «Sombras Brancas», vão receber mais uma vez a visita dos cineastas. A Metro Goldwyn Mayer acaba de enviar para essas distantes paragens uma



Evelyn Laye dedica grande afeição a este inteligente cão, chamado «Zeke», que já tomou parte em alguns dos seus filmes

expedição composta por diversos artistas, entre eles Charles Laughton, Clark Gable e Robert Montgomery. Sob a direcção do realizador Frank Loyd vão ser ali filmadas algumas das principais cenas de «Mutiny on the Bounty».

O mais curioso é que esta viagem, demorada e dispendiosa, foi objecto de grande discussão entre os dirigentes. Entendiam uns que se fazia uma despesa

Nos intervalos da filmagem, Henry Wilcoxon entretem-se em amena conversa com o seu favorito



inútil pois nos arredores de Hollywood há todas as paisagens do Mundo, não sendo por isso necessário ir buscá-las tão longe. Outros argumentavam, porém, com o realismo. Foi este, no final, o ponto de vista que triunfou.

Kente Taylor com o seu companheiro predilecto

Uma empresa japonesa está a realizar um filme de sentimentos católicos que se chamará «Os 26 mártires do Japão». Relata a história de seis missionários, três padres jesuitas e dezoito japoneses convertidos ao catolicismo, que em 1596 foram crucificados nas colinas de Nagasaki.

O filme terá versões em dezasseis línguas diversas e será distribuído em todo o Mundo.

Os alemães vão extrair da peça de Óscar Wilde «Um Marido Ideal» um filme de que Herbert Selpin será o realizador e em que George Alexander e Paul Henckels terão, respectivamente, os papéis de lord Chiltren e lord Caversham.

Lilian Harvey está na Alemanha, de regresso dos Estados Unidos. Deve partir para Londres, após umas curtas férias em Berlim. Vai cumprir na capital britânica o contrato que assinou com a «British International Pictures».

«Leo», o leão que rugia com tanto orgulho no começo de cada filme da «Metro», morreu há poucas semanas no Jardim Zoológico de Hollywood para onde tinha sido enviado após a aposentação. Tinha sido trazido de África com a idade de um ano e nunca conheceu, portanto, outra selva que não fosse a dos cenários dos estúdios. Era de temperamento dócil e prestava-se gentilmente a tudo o que os realizadores dêle pretendiam.

É claro que a sua morte não nos priva de continuarmos a ouvir o seu rugido simpático no principio dos filmes daquela empresa. Imagem e som ficaram arquivados para a posteridade e poderão ainda ser ouvidos pelos que nasceram depois da sua morte.





Júlio Diniz

JULIO DINIZ não criou nenhuma das personagens dos seus romances. Viu com elas, estudou-lhes as boas qualidades e os defeitos e retratou-as tão fielmente que qualquer pessoa, tendo lido a obra do malogrado escritor portuense, as conhecia à primeira vista.

O enredo das «Pupilas do senhor Reitor» é que surgiu da imaginação do romancista, mas as personagens que ali figuram são todas autênticas e magistralmente descritas.

Júlio Diniz, aliás Joaquim Guilherme Gomes Coelho, privou com elas intimamente durante os quatro meses que per-



O dr. João Semana

maneceu em Ovar em casa duma sua tia, a sr.^a D. Rosa Zagalo Gomes Coelho que figura no romance como a «Tereza de Jesus», mulher de João da Esquina» que é António Baptista de Almeida Pereira, estabelecido com mercearia, e pai da menina Maria Baptista de Almeida Zagalo Gomes Botelho — a pretenciosa «Francisquinha» que, ao que parece, dera no gôto ao romancista.

Instalando-se em casa dos tios, encantou-se com a priminha da tez morena, à qual dedicou versos deliciosos como os da «Trigueira». E' possível que os pais não achassem para desprezar a tendência amorosa do seu hóspede que estava formado em medicina e prometia pelos seus talentos, ir longe. Esta satisfação dos pais da priminha foi ridicularizada duramente nas magníficas páginas das «Pupilas do senhor Reitor.»

*“Trigueira! E choras por isso!
Choras, quando outras te invejam
Essa côr, e em vão forcejam
Por como tu fascinar?
O' louca, nunca mais digas,
Nunca mais que és desditosa,
Invejar a côr da rosa,
Em ti, é quasi pecar!”*

Pouco depois, a paixoneta passou e o «doutor Daniel», que é o próprio Júlio Diniz, afeiçoa-se à menina Ana, filha do recebedor do concelho, Tomé Simões. Esta passa a figurar no romance como «Margarida» e é à sua volta que o escritor tece os mais belos elogios da sua alma enternecida.

D. Ana Simões era também sobrinha do «Senhor Reitor», chamando-lhe «padrinho» como todos os seus irmãos.

O bondoso sacerdote foi o rev.^o Francisco Correia Dias que durante muitos anos pastoreou a séde do concelho de Ovar.

Quando da terrível epidemia da febre amarela que assolou, em 1855, aquela região durante mais de um ano, a abnegação d'este pastor de almas ultrapassou os limites do que possa imaginar-se. Daí a adoração que todos os paroquianos sentiam por êle.

«João Semana» foi o dr. João José da Silveira que, na definição do dr. Maximiano de Lemos, era «um espírito generoso, franco, leal e despedido de vaidades, por vezes

“As pupilas do senhor reitor”

Quem foram as verdadeiras personagens deste encantador romance de Júlio Diniz?

rude, mas sempre sincero que prestou grandes serviços à sua terra... Nunca o abandonou a sua célebre e habitual bonhomia, mesmo nas ocasiões mais críticas da sua vida. Afecto à medicina tradicional, não recebia com entusiasmo as novidades terapêuticas, rematando as condições que a tal propósito fazia, com esta frase que muito se vulgarizou: «Agora cura-se à moderna, mas morre-se à antiga». Aceitava o regime



Margarida e Clara

vegetariano, mas com algumas restrições: Não punha dúvida em prescrever o uso dos grêl s, mas... com bom bacalhau e azeite. A batata era um bom alimento, acompanhada de... lombo assado, e as ervilhas eram magníficas... desde que fôsem guisadas com franguinhos bem tenros. As anedotas eram o seu forte, e tinha-as muito espirituosas, sobretudo respeitantes a frades, repetindo-se ainda hoje em Ovar as que contava.

Júlio Diniz apanhou-o em flagrante.

A «Clara» foi D. Maria Zagalo Gomes Coelho, prima de Júlio Diniz. Namorou o «Pedro» que se chamou António de Oliveira Leite e foi íntimo da casa Gomes Coelho durante a estadia do escritor em Ovar. Não tinha o menor parentesco com «Daniel». É certo que namorou a «Clara», mas não chegou ao casamento.

O «José das Dornas» era José Gomes da Costa, humilde trabalhador do campo e conhecido em Ovar pela alcunha de «José Travanca». Nada era ao «Pedro» nem ao «Daniel» como o romancista declara. Quem o conhece afirma que Júlio Diniz o retratou fielmente ao dar-lhe aquele feitiço despreocupado e brincalhão.

Das muitas edições das «Pupilas do senhor Reitor» destaca-se a última primorosamente ilustrada com 32 heliogravuras re-

produzidas do filme, e com uma carta-prefácio de Leião de Barros — o inspirado realizador cinematográfico deste popularíssimo romance.

Júlio Diniz, dissemos nós, regressou ao Pôrto, mas por pouco tempo. A tuberculose, que já lhe tinha ceifado a vida dos irmãos, voltava-se agora para êle. Os ares que fôra tomar à linda região ovariense não lhe tinham dado melhoras sensíveis.

As suas provas no primeiro concurso para professor da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto foram impedidas por uma hemoptise.

Daí, a sua primeira viagem à Madeira em busca de lenitivo ao seu sofrimento. Voltou lá. Ante os seus olhos torna a surgir a Madeira, não como um Eden perdido no meio do Oceano, mas como um sanatório cosmopolita de condenados... Divisa nitidamente a sombra da Morte a pairar sôbre êle.

Ainda assim, tenta reagir. Em 15 de Novembro de 1870 escreve do Funchal ao seu amigo dr. José Carlos Lopes:

«A minha saúde é aquela saúde do costume, incapaz de servir de tipo fisiológico. Uma perfeita desgraça!

«Institui contra o catarro e las muchas otras cosas que incomodam os meus brônquios um sistema de tratamento apregoado pelas quatro páginas dos jornais, que são um compêndio de outra qualquer.

«Tentava gracejar, embora compreendesse que o seu fim estava muito próximo.

Morria pouco depois com 32 anos incompletos.



O senhor reitor

«Vou bebendo água alcatroada e algumas colheres de xarope de seiva de pinheiro.

«Se as panaceias dos farmaceuticos Guiot e Lagasse realizarem em mim o milagre prometido, chamarei beneméritos aos dois homens!

«E, em sinal de gratidão, proclamo logo o pinheiro o meu melhor amigo e generaliso o regime; passo a reduzir a minha sobremesa a pinhões, a trazer, como talisman, uma pinha no bolso, a queimar pinhas em toda a casa e principalmente no quarto de dormir, a usar camisolas de lã vegetal, mobília de pinho, a viver nos pinheirais e até, se me resolver a tocar qualquer instrumento, escolherei a rabeça, por causa da resina; finalmente, se me decidir a casar, preferirei alguma mulher que se chame Pinheiro.

«Às vezes em qualquer coisa está a cura dum homem!

«O colega Xavier pode contar com um relatório sôbre a influência do pinheiro, que lhe fornecerá assunto para três lições».

Tentava gracejar, embora compreendesse que o seu fim estava muito próximo.

Morria pouco depois com 32 anos incompletos.



Joaquim Almada numa cena do filme com Leonor de Eça

Bridge

(Problema)

Espadas — A.
Copas — A., 2.
Ouros — A., 10, 3, 2.
Paus — — — — —

Espadas — R., 3. **N** Espadas — 6.
Copas — 7. **O** Copas — 8.
Ouros — 9, 6, 4. **E** Ouros — R., 8, 5.
Paus — 3, **S** Paus — R., V.

Espadas — 7, 5, 4.
Copas — 9.
Ouros — D.
Paus — A., 2.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer as vasas todas.

(Solução do número anterior)

S joga o Az de paus e N balda-se ao Az de ouros. S joga a Dama de ouros. Se O joga o 2 de ouros, N deixa correr e S joga o 3 de ouros que A corta com o 2 de copas, jogando em seguida, o 3 de espadas. S entra com o Rei de espadas e joga o Az de copas e depois o 2 de paus e 2 de espadas.

Se O entra com o Rei de ouros, N corta com o 2 de copas e joga o 3 de espadas. S entra com o Rei de espadas e joga o Az de copas e em seguida o 2 de paus. Se E se balda a ouros firma o 3 de ouros de S, se se balda a espadas, firma as espadas de N.

Castigo severo

Conta o *Corriere Diplomatico* que, recentemente, uma turista inglesa notou que o relógio de platina que um relojoeiro romano lhe havia vendido por 3.800 líras, era de metal vulgar.

Foi em vão que ela tentou exigir do comerciante o reembolso da quantia paga.

Irritada com tamanha má fé, escreveu então ao Duce e qual não foi o seu espanto quando, oito dias depois, recebeu um cheque de 3.800 líras, acompanhado d'este breve comentário: «O Fascio mandou fechar o estabelecimento do joalheiro desonesto».

Vê-se que há justiça em Roma.

Quais as pedras próprias dum anel de noivado

O anel de noivado não admite em geral, senão pedras brancas e perolas. Todavia, o uso permite juntar ao brilho dos brilhantes, o azul delicado das safiras. O rubi e a esmeralda é que estão abolidos.

Graça alheia



O freguês, galanteador: — Diga-me cá, as raparigas aqui do sitio são tô'as tão formo: as como a menina?

A criadita: — Não sei, meu senhor, — eu só olho para os rapazes.

(Do «The Happy Magazine».)

FIM DE FESTA

Xadrez

(Solução)

1 R — 8 R 2 R — 2 B 3 D — 5 B D +
P — 4 B P — 5 B M.
... .. D — 2 D D — 6 D
P — 3 B — ? M.
... .. D — 5 C R D — 5 B R +
R — 3 R — ? M.

O peso da atmosfera terrestre

Estudos minuciosos e relativamente recentes, completados pelo sábio belga Piccard, em suas ascensões à estratosfera, permitem calcular que a massa total de ar que envolve o nosso planeta pesa 5.236 279.000.000.000 quilos. Mais de 5 quintilhões de quilos.

O governo turco mandou instalar a estação rádio-emissora de Constantinopla, na mesquita (antiga catedral de Santa Sofia) utilizando as torres ou mirantes para a colocação da antena.

Segundo a opinião de alguns médicos, as unhas podem fornecer preciosas indicações sobre o estado de saúde dum individuo. Por exemplo: é possível que uma pessoa que tenha as unhas duras e quebradiças sofra de arterio-esclerose. Enquanto às manchas brancas situadas na base da unha, são quasi sempre indicio de força. O seu desaparecimento total ou parcial pode pois revelar uma perturbação orgânica.

Anedotas

O doutor V. que gosta de caturrar e que não perde ocasião de fazer uma partida a um amigo, encontra um destes, com quem têm a maior confiança.

— Meu caro — diz-lhe êle, à queima roupa — tem que mandar os padrinhos a F.

— Porquê?

— Porque ontem o insultou gravemente.
— Insultou-me? Como?
— Chamou-me veterinário. Para mim, como bem pode imaginar, isso não me importa nada, agora para você que é meu cliente, entendo que não pode ser mais grave a ofensa.

—:—

No final de um jantar, os convivas elogiavam em extremo os vinhos que lhes tinha oferecido o seu anfitrião.

Este, porém, num rasgo de modéstia, exclamou:
— Obrigado, meus senhores! Mas fiquem sabendo que estes vinhos são dos piores da minha adega!

—:—

— Que diferença há entre um agiota e um esparto?
— !?...

— E' que o agiota *chupa* e o esparto é *chupado*.

—:—

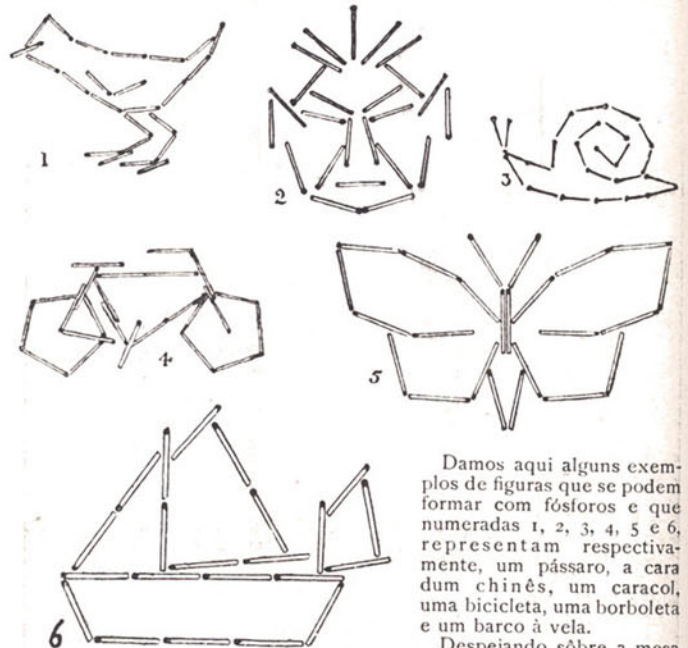
— Onde vais êste ano?
— Vou fazer uma viagem de recreio.
— Dentro ou fora do país?
— Fora. Vou à Suíça, à Itália...
— E levas tua mulher?...
— O' homem! Que tolice! Pois não reparaste em eu te dizer que era uma viagem de recreio?...

—:—

— Agora, que já lhe contei todos os meus sofrimentos, não lhe estão parecendo, doutor, que sou digna de compaixão? — dizia ao seu médico uma dama nervosa.

— Pelo contrário, minha senhora. Uma natureza que resiste a tudo quanto V. Ex.^a me disse padecer, não é digna de compaixão, é digna de inveja.

Desenhos feitos com fósforos



Damos aqui alguns exemplos de figuras que se podem formar com fósforos e que numeradas 1, 2, 3, 4, 5 e 6, representam respectivamente, um pássaro, a cara dum chinês, um caracol, uma bicicleta, uma borboleta e um barco à vela.

Despejando sobre a mesa uma porção de caixas de fósforos, pode cada um, que nisso se queira entreter, construir além destas, grande diversidade de figuras, conforme a pericia e o engenho que possua; tornando mais interessante a distracção se o fizer em concorrência com outras pessoas amigas, para ver qual delas executa os desenhos mais originaes, mais artísticos ou mesmo mais cómicos.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

- Afonso Lopes Vieira, um volume.
- Alexandre Herculano, um volume.
- Antero de Figueiredo, um volume.
- Augusto Gil, 1 volume.
- Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
- Eça de Queirós, dois volumes.
- Fernão Lopes, três volumes.
- Frei Luís de Sousa, um volume.
- Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume.
- João de Barros, um volume.
- Lucena, dois volumes.
- Manuel Bernardes, dois volumes.
- Paladinos da linguagem, três volumes.
- Trancoso, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado **12\$00**

Cada volume encadernado . . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL**



**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

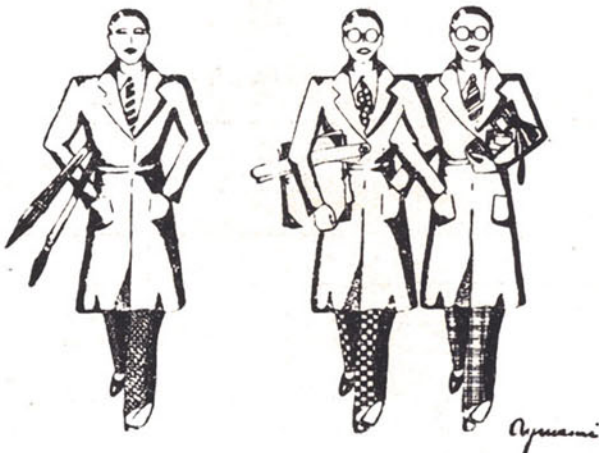
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
2 1308 **IRMÃOS, L. DA**
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Ben-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
72, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposi-
ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE**
HONRA na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de **ESPAÑA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS**

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. **MINERVA**

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

À VENDA

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR **JÚLIO DANTAS**

TITULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A ultima viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. ... 17\$00 broch. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

À VENDA

NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola
Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 450 páginas com 246 gravuras,
encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs, cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Júlio Berrill</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de <i>Júlio Verne</i> . 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00	NO THEATRO E NA SALA — por <i>Guimar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> . 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas côres; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de <i>Ribeiro de Carvalho</i> . 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a côres, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guimar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.038 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Espiêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confere- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confere- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CHIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ...	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ...	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ...	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

**dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado**

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

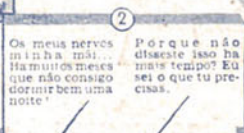
1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

Como ela disse adeus à insónia

Noites após noites e o sono fugia-lhe... mas um dia aconteceu isto



A sua saúde e vitalidade... assim como a beleza do seu rosto... dependem principalmente dum sono regular e reparador. Mas nunca poderá gozar um sono natural se os seus nervos estiverem excitados ou cansados. O que lhe é necessário é tomar uma chavena de Ovomaltine antes do deitar.

Esta deliciosa bebida supremamente rica em alimentos restauradores — acalma rapidamente os nervos e o cérebro produzindo um sono tranquilo e reparador. E enquanto dorme, a Ovomaltine renova a sua energia e dá-lhe abundante vitalidade para o dia seguinte.

Qualidade acima de tudo — Exija

OVOMALTINE

restaurador natural do sono

à venda em todas as farmácias, drogeries e mercearias. Em latas de 9550, 18500 e 34500

DR. A. WANDER S. A. Berne
UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.[^] (IRMÃOS)
RUA DOS CORREIROS, 41-2.^o — LISBOA